

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
NÚCLEO DE ARQUEOLOGIA - NAR

VANI PIAIA GHIGGI

FAZENDA MUNDO NOVO: Abrigo Dom Helder –
Espaço de ocupação humana pré-colonial.

LARANJEIRAS
2013

VANI PIAIA GHIGGI

**FAZENDA MUNDO NOVO: Abrigo Dom Helder –
Espaço de ocupação humana pré-colonial.**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

ORIENTADORA: Dr^a SUELY GLEIDE AMÂNCIO MARTINELLI

**LARANJEIRAS
2013**

VANI PIAIA GHIGGI

FAZENDA MUNDO NOVO: Abrigo Dom Helder – Espaço de ocupação humana pré-colonial.

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

Aprovação __ de _____ de 20_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Suely Gleide Amâncio Martinelli (Orientadora) - NAR/UFS

Prof. Me. Moysés Siqueira Neto - NAR/UFS

Prof. Me. Antônio Bittencourt Júnior (HISTÓRIA/UNIT).

AGRADECIMENTOS

Agradeço Aquele que me presenteou com a dádiva da vida, um SER onipotente, e permitiu fazer conquistas que jamais estiveram nos meus planos.

Agradeço ao meu esposo e aos meus dois filhos que me incentivaram a dar continuidade aos estudos. Amo vocês.

Serei eternamente grata à minha família que está no sul, que apesar da distância que nos separa, partilha das minhas alegrias e conquistas.

Agradeço a minha orientadora Suely Gleyde Amâncio Martinelli pela paciência, dedicação e orientação com maestria.

Agradeço ao professor Moysés Siqueira pelos inestimáveis auxílios bibliográficos, relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço a todos os professores do curso que possibilitaram não só o acréscimo de conhecimento, bem como, compartilharam amizade e carinho durante estes quatro anos.

Agradeço a Márcia Rodrigues pela amizade, presteza e apoio durante a elaboração desta monografia.

Agradeço a amizade, companheirismo e carinho de Alba Rosane.

Agradeço aos colegas, Diogo, Thaíssa, Vanessa, João Mozart, Ton Ferreira e Silmara Caldas, que de uma forma ou de outra participaram da confecção desta pesquisa.

Agradeço ao IPHAN por aprovar e autorizar o projeto “Análise dos grafismos rupestres da Fazenda Mundo Novo no Núcleo de Arqueologia do Campus de Laranjeiras/ UFS/SE. Através do Processo nº. 01504.001093/2011-42 propiciou a escavação do sítio Dom Helder.

RESUMO

Esta pesquisa se propôs verificar possíveis ocupações humanas tendo como foco de estudo o Abrigo Dom Helder situado na Fazenda Mundo Novo em Sergipe. Além do sítio arqueológico Dom Helder existem outros sítios arqueológicos registrados, espalhados na Fazenda Mundo Novo. Buscou através de bibliografias, trabalho de campo através de escavação e análise do material arqueológico em laboratório, respaldo para esta pesquisa. As representações rupestres em todos os abrigos do entorno, indicam que a área em estudo foi palco de ocupações pré-coloniais. O sítio arqueológico Dom Helder se enquadra como modelo de ocupação humana, sendo o primeiro sítio com arte rupestre escavado no estado de Sergipe até o momento, abrindo espaço para novas discussões e possibilidades de estudo.

Palavras-chave: Fazenda Mundo Novo - ocupação pré-colonial - registro rupestre – abrigo sob-rocha.

ABSTRACT

This research has proposed checking possible human occupation in the past, focusing on the study of Dom Helder Shelter, situated at Fazenda Mundo Novo (New World Farm), a rural region of Canindé of San Francisco in the state of Sergipe. Besides the archaeological site Dom Helder, there are other archaeological sites registered around Fazenda Mundo Novo (New World Farm). The representations in rock shelters all around, indicate that the study area was the scene of pre-colonial occupations, therefore it becomes necessary to open space for reflections and discussions about the concepts and practices of archeology, in an attempt to understand the cultural process that runs through timelines. Thus, the shelter site under rock may have given way to man of the past not only representations on rocks, but also with the possibility of being occupied as housing.

Keywords: Fazenda Mundo Novo (New World Farm) - pre-colonial occupation - rock records – shelter under rock.

LISTA DE FIGURAS

FIG. 1 - Mapa político do Estado de Sergipe (modificado de: SEMARH)	26
FIG. 2 - Sítio Dom Helder – Fazenda Mundo Novo – SE. Fonte: Google Earth.	27
FIG. 3 - Sítio sob-rocha Dom Helder	28
FIG. 4 - Divisão das quadras no abrigo sob-rocha Dom Helder	30
FIG. 5 - Divisões das quadras no abrigo Dom Helder – Crédito: T. Almeida, 2012.	32
FIG. 6 - Presença de raízes no sítio Dom Helder.	33
FIG. 7 - Amostra do perfil estratigráfico – sítio Dom Helder – Foto: Farias, 2012.....	33
FIG. 8 - Plástico colocado no solo após o término da escavação – Foto: Farias, 2012..	34
FIG. 9 - Acondicionamento do material arqueológico: sítio Dom Helder	35
FIG. 10 - Conjunto de material arqueológico sítio Dom Helder – nível 0-10 cm.....	38
FIG. 11 - Conjunto de material arqueológico sítio Dom Helder – nível 10-20 cm.....	39
FIG. 12 - Conjunto de material arqueológico sítio Dom Helder – nível 20-30 cm.....	41
FIG. 13 - Conjunto de material arqueológico sítio Dom Helder – nível 30-40 cm.....	42
FIG. 14 - Conjunto de material arqueológico sítio Dom Helder – nível 40-50 cm.....	44
FIG. 15 - Amostras de gastrópodes retirados do sítio Dom Helder	46
FIG. 16 - Machado polido encontrado entre o nível 0 -10 centímetros – sítio Dom Helder	47
FIG. 17 - Fragmento de ocre retirado no sítio Dom Helder – nível 0-10 cm.....	47
FIG. 18 - Abrigo sob-rocha Dom Helder – Fazenda Mundo Novo – Sergipe	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantidade de material retirado do sítio Dom Helder - nível 0-10 cm.....	38
Gráfico 2 - Quantidade de material retirado do sítio Dom Helder - nível 10-20 cm.....	40
Gráfico 3 - Quantidade de material retirado do sítio Dom Helder - nível 20-30 cm.....	41
Gráfico 4 - Quantidade de material retirado do sítio Dom Helder - nível 30-40 cm.....	43
Gráfico 5 - Quantidade de material retirado do sítio Dom Helder - nível 40-50 cm.....	44
Gráfico 6 - Variabilidade de classe e matéria-prima dos artefatos líticos coletados no sítio abrigo sob-rocha Dom Helder, entre os níveis de 0-50 cm.....	46
Gráfico 7 - Quantidade total de material encontrado no sítio Dom Helder.....	48

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	12
2.1 PRESENÇA HUMANA EM ABRIGOS NO BRASIL	12
2.2 AS OCUPAÇÕES HUMANAS PRÉ-HISTÓRICAS NO NORDESTE	13
2.3 ÁREA ARQUEOLÓGICA E SÍTIO ARQUEOLÓGICO	15
2.4 ESCOLHA DA MORADIA DO HOMEM PRÉ-COLONIAL	15
2.5 PRIMEIRAS PESQUISAS CIENTÍFICAS DA PRÉ-HISTÓRIA NO BRASIL E NO NORDESTE.....	18
3. SÍTIOS, VESTÍGIOS, PESQUISAS.....	21
3.1 TIPOS DE VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS ENCONTRADOS EM SÍTIOS PRÉ-HISTÓRICOS	21
3.2 OS TIPOS DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS PRÉ-HISTÓRICOS.....	22
3.3 RESULTADO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA REGIÃO.....	24
4. O SÍTIO DOM HELDER	25
4.1 LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO DOM HELDER, CARACTERIZAÇÃO DO ENTORNO, VEGETAÇÃO, CONFIGURAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO, E TOPOGRAFIA.....	25
4.1.1 LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO DOM HELDER	25
4.1.2 CARACTERIZAÇÃO DO ENTORNO	26
4.1.3 VEGETAÇÃO	27
4.1.4 CONFIGURAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	27
4.1.5 TOPOGRAFIA	28
4.2 METODOLOGIA DE ABORDAGEM DO SÍTIO	29
4.2.1 ÁREA I – SÍTIO DOM HELDER	29
4.3.2 ANÁLISE DO MATERIAL LÍTICO DO SÍTIO SOB-ROCHA DOM HELDER	35
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	55
ANEXOS.....	56

1. INTRODUÇÃO

Os abrigos sob-rocha, com ou sem pintura rupestre, fazem parte das discussões mais tradicionais da Arqueologia mundial que se ocupa do período denominado de pré-história da humanidade. Nesta ampla literatura são percebidas diversas nuances interpretativas sobre a funcionalidade desses espaços para os homens, na sua trajetória evolutiva e diaspórica sobre a terra (BINFORD, 1968).

O interesse em estudar as possíveis ocupações humanas pretéritas no abrigo sob-rocha pertencente à Fazenda Mundo Novo, no estado de Sergipe, se faz diante da incipiência de pesquisas arqueológicas relacionadas ao tema proposto, se tornando um desafio. As pesquisas sistematizadas na região se concentram no Projeto Arqueológico de Xingó – Relatório Final, publicado em 2000.

A percepção idealista, que permeia grande parte da literatura sobre o tema, está imbuída da ideia de uso dos abrigos de acordo com a sua forma – função. Profundo, possuía uma alta probabilidade de servir de moradia. Sem profundidade ou nenhuma profundidade, serviu apenas para suporte da pintura rupestre. Embora possa parecer simplista essa dicotomia, ela pode ser encontrada na maior parte da literatura que se debruça sobre a pré-história. Sendo assim, o estudo das sociedades humanas se torna extremamente complexo, conforme afirmação de Johnson (2000).

“Las sociedades humanas han sido y continúan siendo algo muy complejo. Como parte del mundo natural, comparten aspectos de esta complejidad y además poseen en sí mismas una complejidad social y cultural propia (p. 24).”

É no bojo dessa discussão temática que se insere este objeto de pesquisa, o sítio Dom Helder. Sob as coordenadas S 09° 33' 36,4" e ao W 37° 59' 32,0", corresponde a um pequeno abrigo rochoso, marcado por pinturas rupestres. O sítio faz parte da área compreendida como Fazenda Mundo Novo, propriedade do senhor José Augusto Andrade, e faz divisa com os municípios de Canindé do São Francisco (SE) e Paulo Afonso (BA), na rodovia sergipana 200.

A fazenda está a 30 quilômetros, aproximadamente destas cidades. A área geográfica totaliza 663 hectares, estendendo-se pela Rodovia e margeando o Rio São

Francisco, no estado sergipano. Esta região apresenta vegetação típica da caatinga, com a presença marcante de bromélias e cactáceas em períodos menos chuvosos, e grande variedade de flores silvestres em períodos com abundância de chuvas, definindo claramente duas estações, através do clima semiárido.

No Estado de Sergipe as pesquisas ganharam força a partir do ano de 1985. Anterior a esta data, alguns arqueólogos amadores coletavam vestígios pré-coloniais, tendo como objetivo a preservação de materiais arqueológicos.

Entre o final da década de 1980 e início da década de 1990, foram prospectados platôs, paredões, abrigos, terraços e afluentes do rio São Francisco, incluindo áreas pertencentes a outros estados, tais como, Alagoas e Bahia. Áreas estas que iriam ser impactadas pela construção da Hidrelétrica de Xingó. Foram encontrados abrigos com pinturas rupestres e diversos cemitérios indígenas, além da presença de cerâmica fragmentada, artefatos líticos e fogueiras. Os grupos humanos que ocuparam os terraços arenosos de Xingó-Piranhas, usufruíam do potencial aquífero local, como garantia de sobrevivência. (Relatório de Salvamento Arqueológico de Xingó 2002).

No ano de 2000 foi prospectada uma área pela equipe do MAX, onde cinco sítios com desenhos parietais foram localizados, dentro do espaço geográfico conhecido como Fazenda Mundo Novo. Outros sítios com manifestações rupestres foram registrados nos municípios de Poço Redondo e Cedro de São João, no baixo São Francisco (SANTOS & AMANCIO, 2002).

Foi justamente nessa segunda fase de trabalho que o sítio Dom Elder foi descoberto. A configuração do suporte rochoso formando um pequeno abrigo, aliado a figuras claramente encobertas por sedimentos, o destaca em relação aos demais. Dentro das interpretações tradicionais, nas quais os suportes influenciam na percepção utilitária do espaço, o sítio Dom Helder não poderia ser visualizado como um espaço de moradia, devido a pouca profundidade do abrigo. Mas até onde a percepção utilitária pode explicar os usos dado a este espaço? Poderia o sítio Dom Helder ter sido ocupado como moradia mesmo possuindo pouca profundidade? O abrigo em questão serviu apenas para suporte da pintura parietal que ainda resguarda? Seria a materialidade que o resguarda capaz de explicar o caráter da ocupação que o homem pré-colonial pode ter dado ao espaço?

Esta monografia apresenta os resultados referentes a estudos desenvolvidos na Fazenda Mundo Novo, estando configurada em quatro capítulos. Cada capítulo detalha as atividades efetuadas no sítio, dentre elas, as perspectivas teóricas e metodológicas utilizadas. O *primeiro capítulo* apresenta através do marco teórico, pesquisas sobre as primeiras ocupações humanas em abrigos, no território e no Nordeste, as possíveis escolhas de moradia, e as primeiras pesquisas científicas relacionadas à pré-história no Nordeste. Discute de forma sucinta a percepção de espaço e lugar, entendidos como demarcações físicas e simbólicas.

No *segundo capítulo*, serão analisados os diferentes tipos de vestígios arqueológicos encontrados em sítios pré-históricos, os tipos de sítios arqueológicos pregressos, e os resultados das pesquisas arqueológicas na região. O abrigo rochoso se torna parte integrante dentro do processo de ocupação humana. As pesquisas arqueológicas efetuadas na região de Xingó apontam para ocupações pretéritas com cronologias que chegam aproximadamente 9000 anos, e para tanto, essa pesquisa possibilitará acrescentar novos dados e interpretações sobre possíveis ocupações humana no abrigo Dom Helder.

No *terceiro capítulo* serão expostos de maneira detalhada, aspectos relacionados ao sítio Dom Helder, sua localização, caracterização do entorno, vegetação, configuração do suporte rochoso. Será detalhada a metodologia de abordagem do sítio, os resultados das escavações e os vestígios arqueológicos encontrados, levando-se em conta o fato de que a arte rupestre representada no sítio Dom Helder é parte integrante, e contribuirá para os resultados. Analisa através de vários aspectos as ocupações humanas pretéritas, o sítio como possibilidade de ocupação, ou apenas um lugar utilizado pelo homem para expressar arte.

O *quarto capítulo* apresenta os resultados obtidos a partir da escavação no abrigo sob-rocha Dom Helder, e análise do material arqueológico coletado.

Por fim, reservaram-se as considerações finais, onde se buscou apresentar os objetivos alcançados através da pesquisa, e as interpretações sobre ocupação humana em espaços pouco profundos.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Presença humana em abrigos no Brasil

As evidências sobre as primeiras ocupações humanas em abrigos no Brasil recuam a um período longínquo da história. São dados científicos obtidos através de análises de artefatos líticos, procedentes de estruturas de fogões com carvão, encontrados na Toca do Boqueirão da Pedra Furada no Piauí. O sítio ainda é motivo de discussões internacionais devido às evidências da presença humana, sendo este, considerado o sítio de assentamento mais antigo no Brasil, estudado por Niède Guidon (MARTIN, 2008).

A presença do homem em abrigos possibilita entender as ocupações humanas através da funcionalidade desses espaços. Alguns abrigos são considerados privilegiados devido à presença de água, ambiente fresco, e com tamanhos que permitiram um número expressivo de pessoas, como exemplo, o abrigo Toca do Boqueirão da Pedra Furada no Piauí. Muitos destes sítios foram utilizados como centro cerimonial com cronologias diferentes, abrigando caçadores durante o pleistoceno e holoceno (MARTIN op. cit.).

As manifestações com pinturas e gravuras, que ocorrem não só em abrigos, bem como em grutas, costões, blocos e lajes, vão muito além do sentido de ocupação através de funcionalidades. Representam o que Gaspar (2006) chama de arte rupestre com apelo estético, feitas por diferentes grupos sociais (caçadores, pescadores e horticultores), com cronologias distintas.

Segundo Prous (1992), caçadores no Neolítico por volta de 8.000 anos A.P. já deixavam suas marcas através de grafismos e outras manifestações parietais. As funções também eram distintas, pois os abrigos estratégicos poderiam servir como moradia, acampamento para caçadas, cemitério, ou locais que serviam como depósito de víveres.

Ao mesmo tempo em que constitui um campo de saber com problemas e estratégias de pesquisas próprias, a arte rupestre é um domínio integrado aos demais aspectos da vida social do grupo que a produziu (GASPAR, 2006).

Para Martin (2008), as cavernas de estruturas fechadas da era paleolítica na Europa, foram consideradas santuários pré-históricos. A autora confere ainda que no Brasil onde muitos abrigos e paredões apresentam ausência de profundidade, provavelmente poucos tiveram ocupação prolongada e intensa. Muitos deles foram utilizados pelo homem apenas para marcar a arte com pinturas e gravuras ficando isentos de ocupações. Porém, os abrigos com pinturas não foram ocupados simultaneamente, apenas serviram como acampamentos temporários de cerimônias.

2.2 As ocupações humanas pré-históricas no Nordeste

As evidências que apontam para a presença humana no nordeste do Brasil com datações correspondentes ao Pleistoceno superior exigem revisão das teorias tradicionais sobre a entrada do homem na América. (MARTIN, 2008), (FUNARI, 2009).

Os registros sobre as ocupações humanas no território sergipano, anterior à colonização, são corroborados através de documentos históricos e escritos, dentre eles, Pinto (1935); Sousa (1938); Mamiani (1942); Sobrinho (1954); Freire (1977); Mott (1986); Dantas (1983, 1985, 1991).

Segundo Dantas (1991), o Estado de Sergipe possibilitou ocupações de diferentes grupos indígenas: os Tupinambá, Natu, Boiomé, Kaxagó, Karapotó, Romari, Aramuru, Kiriri, e Xocó (Ceocese).

As condições geográficas no Brasil, bem como em outros lugares, foram relevantes para o homem pré-histórico, já que estes dependiam de alimentos e instrumentos para sua sobrevivência (PROUS 1992).

Os grupos humanos que fazem parte de uma mesma tradição cultural tendem a adaptar-se às diferentes condições locais, no entanto, etnias distintas, dentro de ambiente semelhante, podem apresentar resultados que se convergem, daí a necessidade de conhecer o contexto para possíveis interpretações. Porém, esse conhecimento se torna complicado devido a mudanças climáticas e geológicas, já que ambas proporcionaram consequências na vegetação, hidrografia, fauna entre outros. Mudanças que estiveram presentes até mesmo após a chegada dos portugueses. As alterações mais

significativas são compreendidas entre o final do Pleistoceno e Holoceno (10 mil anos aproximadamente), cujas características são praticamente desconhecidas no Brasil, dificultando o paralelo entre os fatores relacionados à cultura pré-histórica e o processo paleoecológico (PROUS, 1992, p. 34).

Os primeiros indícios de povoamento na pré-história do Nordeste indicam as terras altas, como as savanas do estado de Goiás (Centro-Oeste) e as bacias do Parnaíba e do São Francisco. Porém, não existem afirmações científicas seguras que comprovem quais as vias mais antigas de povoamento no pretérito.

Martin (2008) revela que os primeiros índios que chegaram ao Nordeste são os que descendem de levas arcaicas, cuja via de acesso foi o estreito de Bering milhares de anos atrás. Apesar de conjectura da existência de outras vias de passagem para a chegada de grupos humanos na América no Pleistoceno, nada foi comprovado (MARTIN, 2008, p.66-68).

Os grupos pré-históricos estiveram em meios abertos, e fechados, facilitando a difusão física e cultural, estando estes sujeitos a isolamento, onde aspectos como: relevo, hidrografia e a própria vegetação, predominaram. A bacia do São Francisco apesar de estar isolada do mar, provavelmente possibilitou através da via fluvial, a propagação cultural (PROUS, 1992, p. 36).

Etchevarne (1999-2000) ressalta que tanto o São Francisco quanto o Parnaíba, com cursos de águas permanentes, possuem vales e planícies de inundação relevante que possibilitam a fixação humana. Os rios e riachos menores, afluentes ou não dos rios acima, são temporários, com nascentes em áreas de caatinga e se alimentam durante as estações chuvosas. Entretanto na região agreste, as fontes aquíferas nem sempre são perenes, dificultando a incursão e a fixação humana, sendo que a água é fator primordial para a sobrevivência. Porém, o rio São Francisco sendo um rio perene, facilitou a subsistência de grupos sociais na caatinga (ETCHEVARNE, 1999-2000, p.115).

No entanto, a caatinga restringe a possibilidade de instalação humana, já que os cursos de água e fontes nem sempre são permanentes e são mais limitados. Segundo Etchevarne (op. cit), o curso médio do rio São Francisco percorre um grande território da caatinga, permitindo a subsistência de grupos indígenas. As incursões de grupos na caatinga para exploração de recursos não impedia o retorno destes em locais com águas perenes como o rio São Francisco.

2.3 Área arqueológica e sítio arqueológico

Martin (2008) define como área arqueológica: “(...) às *divisões geográficas que compartilham das mesmas condições ecológicas e nas quais está delimitado um número expressivo de sítios pré-históricos*” (MARTIN, 2008, p. 87).

Dentro dessa perspectiva, deve ser considerado que, além da área arqueológica existe o sítio arqueológico, que V. Gordon Childe propõe a seguinte definição:

“(...) um lugar onde se encontravam vestígios humanos interrelacionados e que indicariam atividades humanas específicas, como habitações, túmulos, fontes de matérias-primas, santuários destinados respectivamente à moradia, enterramento, obtenção de materiais e ao culto religioso (CHILDE, apud FUNARI, 2002, p. 23).”

Para Martin (2008), o sítio arqueológico é compreendido como assentamentos humanos, locais com possibilidades de ocupações expressivas que permitem estudar os grupos étnicos que os povoaram (MARTIN, 2008).

2.4 Escolha da moradia do homem pré-colonial

Os abrigos sob-rocha com ou sem pintura rupestre, fazem parte das discussões mais tradicionais da arqueologia mundial que se ocupa do período denominado de pré-história da humanidade. Nesta ampla literatura são perceptíveis diversos nuances interpretativos sobre a funcionalidade desses espaços para os homens, na sua trajetória evolutiva e diaspórica sobre a terra (BINFORD, 1968).

Segundo Souza (1997), a definição de abrigo corresponde a cavidades nas rochas, onde a altura (ou largura) da entrada se mostra maior que a profundidade. Pode estar representado por paredões inclinados para frente, ou com a parte superior mais saliente, que podem proteger uma área não muito grande.

Encaixam-se nessa definição, os Abrigos pré-cerâmicos, Abrigos de arte rupestre, Abrigos funerários, sendo uma classificação morfológica ausente de significação cultural. Além dos abrigos sob-rochas, existem as cavernas, grutas e os

matações. As cavernas ou grutas são designações tomadas da geomorfologia e são definidas como locais onde a altura ou largura da parte frontal é menor que a profundidade, ou seja, apresentam medições contrárias do abrigo sob-rocha (SOUZA, op. cit., p. 34).

Os locais de moradia para esses homens pré-coloniais eram estratégicos, preferindo a proximidade como a água, tendo como aliado um rio preferencialmente navegável, matas no entorno, e terras férteis. Porém, os lugares com essas características eram pouco numerosos, fazendo com que outros grupos reocupassem os mesmos locais (PROUS, 1992, op. cit. p. 37-38).

Existem diferentes formas de construções de moradias, chamadas de pré-artesanais. Construções feitas de madeira, material abundante nas margens dos rios, terra e pedra, onde as folhas vegetais são utilizadas para a cobertura. Apesar de o Brasil ter disponível pedra (afloramentos rochosos), se desconhece exemplos de paredes desse material. Muitas habitações contaram com variação adaptativa, como exemplo, abrigos artificiais colocados em abrigos naturais, as chamadas grutas ou lapas. Essas variações de moradias aparecem nas regiões calcárias de Iguape (SP), do São Francisco, do alto rio Ribeira, e abrigos com pouca profundidade, como exemplo, os abrigos do planalto meridional, cuja formação se dá através de camadas de arenitos e capas basálticas. Sítios com estas características foram frequentemente utilizados para rituais (cemitério) e como suporte para demarcação dos registros rupestres.

As populações de zonas altas, frias, quando não havia abrigos naturais, partiam para escavações na terra ou no arenito friável, denominadas de casas-poço. São exemplos dessas habitações: no planalto meridional e na serra do Cipó em Minas. A justificativa para esse tipo de habitação estaria relacionada às condições climáticas e a segurança. No Rio Grande do Sul, foram construídas casas em áreas de aterros, chamadas de *mounds* de Marajó ou tesos (PROUS, 1992).

Os lugares demarcados com pintura e gravuras rupestres feitas por determinados grupos sociais no pretérito serviram como habitação, santuários, e locais de passagem.

Martin (2008) aponta as diferentes possibilidades de utilização desses lugares rochosos. No Nordeste do Brasil, o homem limitou-se a gravar e a pintar nas paredes de muitos abrigos e paredões devido à falta material e condições. Porém, outros foram ocupados intensamente e de forma duradoura e serviram de habitação e práticas de

cultos em diversas cronologias. Geralmente, os abrigos que fizeram parte de cerimoniais não foram simultaneamente lugares de habitação. A autora exemplifica através do abrigo Toca do Boqueirão da Pedra Furada, ocupado de forma não intensa porém longa, “parecendo ser a tônica dos abrigos rupestres no Nordeste” (MARTIN, 2008, p. 300).

Outro abrigo escolhido por determinado grupo humano no passado é a Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, PE. Este abrigo foi escavado por Jeannette Lima, na década de 1980, e tem características de um pequeno abrigo sob-rocha com formação granítica. Foi ocupado por caçadores desde o início do Holoceno de forma intensiva como cemitério indígena, implicando na destruição de enterramentos mais antigos (MARTIN, 2008, p. 70).

As ideias de ocupação de espaço perpassam o mundo da funcionalidade, vistos através dos elementos materiais como, o artefato e o próprio abrigo. A noção de lugar pode ir além do espaço físico, e ter noção de espaço, significando mais liberdade de movimento ou ação. As discussões sobre o conceito de lugar para esta pesquisa estão diretamente voltadas à utilização do espaço para representação do simbólico, sendo funcional, possibilitando uma ocupação humana. A partir do momento em que o espaço vai adquirindo definições e significados, se transforma em lugar. Existem muitas significações de espaço e lugar e que são aplicáveis em diversas áreas do conhecimento. No entanto, como complemento de estudo, buscou-se de uma forma sucinta, a compreensão de espaço e lugar tradicional, extraídos das ciências sociais.

O lugar tradicional segundo Mocellin (2009) é repleto de significados e é demarcado através da cultura de seus ocupantes, e inversamente, a cultura dos seus ocupantes depende da maneira com que encaram o lugar. Essa concepção tradicional de lugar tem sido associada a formas de vida tipicamente pré-modernas, tais como, aldeias indígenas, vilarejos fechados, pequenas cidades e feudos medievais, caracterizadas pela homogeneização cultural. São lugares distantes uns dos outros, por um motivo ou outro (MOCELLIN, 2009, p. 79).

Segundo Leite (2007, p. 35), a noção de lugar é mais abrangente que a noção de espaço. Os lugares podem ser entendidos como “demarcações físicas e simbólicas no espaço, cujos usos os qualificam e lhes atribuem sentidos de pertencimento, orientando ações sociais e sendo por estas delimitações reflexivamente”.

As definições de lugares correspondem a conceitos compreensivos das sociedades modernas, e práticas sociais de configurações concretas de espaço e temporalidade.

Os lugares, enquanto configurações identitárias, possibilitam não só qualidades de movimento, bem como, tempo e trajetória. Segundo Giddens (1991, apud LEITE, 2007, p. 35), estes não devem ser entendidos dentro da teoria social como pontos de espaço, bem como não seriam demarcações espaciais homogêneas de que o espaço é um lugar praticado, e os lugares enquanto configuração de identidade possuem qualidades de movimento, relacionados à trajetória e tempo, e que Certeau (apud Leite, 2007, p.35), atribui ao espaço.

Falar de lugar, não significa imposição de fronteiras rígidas. Os lugares são portadores de estreita relação com determinados “aspectos mais perenes da vida social, do passado comum e do inconsciente das pessoas...” (LEITE, 2007, p. 35).

Determinados ritos e comportamentos são aceitáveis apenas em determinados locais e períodos, onde ambos atuam conjuntamente: tempo e lugar. Os lugares de ritos, monumentos, altares, construções, demarcam um lugar, onde em um determinado momento, ritos diferenciados foram realizados, possibilitando a sensação de continuidade do tempo (MOCELLIN, 2009, p. 84).

De acordo com Leite (2007), os lugares, podem ser considerados como espaço praticado visto através “dos circuitos simbólicos que os demarcam e os tornam intercomunicáveis com os outros lugares”.

2.5 Primeiras pesquisas científicas da pré-história no Brasil e no Nordeste

As primeiras pesquisas sobre Arqueologia brasileira são datadas do final do século XIX e início do século XX, quando foram encontrados ossos de megafauna em grutas e abrigos em Minas Gerais, despertando o interesse de pesquisadores para a antiguidade da ocupação humana na região. Outros temas foram alvo de estudo quando a Arqueologia no Brasil estava iniciando. Tão importante quanto o estudo na região mineira, foram os temas relacionados à cultura do baixo Amazonas, a arte rupestre, e os sambaquis (GASPAR, 2006, p. 32).

No século XVI, pesquisadores mencionaram os grafismos rupestres no Ceará, Paraíba, Piauí, Pernambuco e Rio Grande do Norte, acreditando ser sinônimo de roteiros de tesouros. A preocupação em torno desta arte possibilitou a inauguração de duas correntes interpretativas relevantes: uma que analisa os grafismos como linguagem, e a outra que a interpreta de forma astronômica. A partir de então, cientistas demonstraram interesse pelas manifestações rupestres, registrando-as durante as expedições e discutindo-as. O primeiro trabalho sobre arte rupestre de maior proporção, foi publicado por Tristão de Alencar Araripe no ano de 1887, onde ressaltou a importância destes estudos (GASPAR, op. cit., p. 32-34).

Annette Laming-Emperaire teve papel relevante na Arqueologia brasileira na década de 1970, estabelecendo regras de elaboração dos grafismos para a pré-história, formando profissionais. Coordenou pesquisas em Minas Gerais e Piauí (Missão Franco-Brasileira), onde foi mentora de uma corrente de pesquisa de suma importância, em parceria com os americanos Clifford Evans e Betty J. Meggers, com infinita ampliação dos estudos sobre o tema. Outros pesquisadores da comunidade de arqueólogos, Niède Guidon e André Prous, elaboram os primeiros quadros das mais diversas manifestações rupestres no território brasileiro, utilizando os dados pesquisados separadamente em regiões de estudos (GASPAR, op. cit.).

Em relação à dispersão do homem na América, existem divergências. Escavações realizadas em abrigos e grutas apontam para cronologias com datações de idade holocênicas e pleistocênicas. No Piauí, as pesquisas realizadas pela arqueóloga Niède Guidon em regiões muito secas, resultaram em centenas de abrigos decorados analisados, em que, pelo menos dois destes apresentam datações pleistocênicas. Os resultados verificados são corroborados através dos vestígios arqueológicos encontrados em diversas tocas de sítios no Piauí, dentre elas, a toca do sítio do Meio, que aponta ocupações entre 14.300 +- BP, e a toca do Boqueirão do sítio da Pedra Furada com cronologias que variam entre 17.000 BP e até mesmo, ocorrências mais antigas, de aproximadamente 40.000 BP (PROUS, 1992).

Diversas pesquisas foram efetuadas em vários estados do Brasil, revelando diferentes cronologias, implicando nas teorias sobre a entrada do homem na América.

No nordeste do Brasil, os sítios de arte rupestre estudados, estão inseridos dentro de três tradições: Tradição Nordeste, Tradição Agreste e Tradição São Francisco. A

Tradição Nordeste foi definida pela arqueóloga Niède Guidon através dos estudos de sítios no estado do Piauí, principalmente pesquisas em sítios arqueológicos próximos a São Raimundo Nonato. Gabriela Martin e outros pesquisadores deram continuidade a pesquisas em outros estados nordestinos, quais são: Rio Grande do Norte, Bahia, Ceará, Pernambuco, observando que houve influência da Tradição Nordeste no extremo norte de Minas Gerais (PROUS, op. cit., p. 521).

Dentro da chamada categoria da Tradição Agreste, foram estudados sítios nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Ceará e Piauí. A Tradição São Francisco, está representada desde o vale do São Francisco em Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Goiás e Mato Grosso, sendo que esta tradição pode se estender até o vale do Moski, na Bolívia (PROUS, op. cit., p. 525).

Os primeiros estudos sobre vestígios arqueológicos no Brasil datam do século XIX com descobertas de ossadas humanas misturadas com as de animais em cavernas de Lagoa Santa no estado de Minas Gerais. Estes estudos foram efetuados por Peter W. Lund, pioneiro da paleontologia. Associou os resultados das pesquisas iniciais, como resposta da presença de um homem antediluviano nas Américas. Descreveu os instrumentos de pedra polida encontrados por camponeses e os amontoados de conchas encontrados no litoral do Brasil (os sambaquis) (PROUS, op. cit., p. 9-10).

A partir das descobertas arqueológicas em Minas Gerais, iniciaram-se escavações em sambaquis no litoral de Santa Catarina no final do século XIX, capitaneadas por Von den Steinen, e Emílio Goeldi no Amapá. A preocupação dos pesquisadores nessa época era encontrar objetos para tentar compreender os “processos evolutivos” dos indígenas brasileiros em relação à Europa, já que no Brasil, os nativos eram considerados primitivos, implicando na incapacidade da ancestralidade em produzir esculturas de pedras e cerâmicas encontradas em sítios (PROUS, 2006, p. 10).

Com a implantação da Arqueologia no território em meados do século XX sob o comando de pesquisadores norte-americanos e franceses, e em paralelo, a criação do PRONAPA – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, orientado pelos estadunidenses Clifford Evans e Betty Meggers. À partir de então, as pesquisas começaram a ganhar força. Nos anos de 1980, é observado um número crescente de pesquisadores interessados no tema (PROUS, op. cit., p. 11).

No nordeste as primeiras pesquisas científicas relacionadas à pré-história são datadas da década de 1960 através de estudos feitos por Valentin Calderón, que pesquisou sítios pré-históricos na Bahia, e publicou os resultados das escavações em uma monografia. Posterior a este trabalho, atuou em sítios rupestres na Chapada Diamantina iniciando uma prévia classificação. O trabalho que mais lhe rendeu prestígio foi a escavação da Gruta do Padre em Pernambuco, com obtenção das primeiras datações radiocarbônicas da região, e o estabelecimento do conceito da Tradição Itaparica (MARTIN, 2008, p. 42).

Em sequência, foram sendo formados núcleos de estudo resultando em significativas produções científicas, cujo reconhecimento se estendeu a nível nacional e internacional (ETCHEVARNE, 1999-2000, p.116).

3. SÍTIOS, VESTÍGIOS, PESQUISAS

3.1 Tipos de vestígios arqueológicos encontrados em sítios pré-históricos

Os tipos de vestígios arqueológicos encontrados em sítios pré-históricos são inúmeros. O abrigo denominado Furna do Estrago, em Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, se torna um exemplo devido à diversidade de vestígios encontrados, relacionados a ocupações pré-coloniais. Este sítio foi escavado por Jeannette Lima na década de 1980, e tem características de um pequeno abrigo sob-rocha com formação granítica, tendo sido ocupado por caçadores desde o início do Holoceno. O abrigo foi utilizado de forma intensa como cemitério indígena desde 11000 anos BP, tendo como data mais recente de ocupação aproximada de 1000 BP. Além de uma quantidade relevante de esqueletos encontrados, restos de alimentos, instrumentos ósseos, material lítico, cerâmico e adornos (MARTIN, 2008).

No vale médio de São Francisco em Sergipe, um cemitério indígena descoberto no ano de 1990, foi de extrema importância para a Arqueologia. Denominado de cemitério indígena do Justino, fez parte do projeto de salvamento arqueológico de Xingó. Posteriormente, no local foi instalada a Usina Hidrelétrica de Xingó. O resultado da escavação permitiu afirmar que a maior necrópole indígena do Nordeste se

encontrava sobre um terraço fluvial no município de Canindé do São Francisco, em Sergipe. Além de exumação de 157 esqueletos completos, tantos restos de outros passaram pela destruição devido a enterramentos posteriores (MARTIN, 2008, p.72).

Além de uma quantidade relevante de esqueletos, foram encontradas fogueiras estruturadas, e coletadas pelo menos 20.000 peças arqueológicas cerâmicas, líticas, restos alimentares que se enquadram como parte de rituais funerários. Estas ocupações pré-históricas implicam em aferir que, através de datações radiocarbônicas, o médio e o baixo vale do São Francisco tiveram a presença de populações indígenas desde 8950 BP até 1280 BP.

Durante o Pleistoceno houve um longínquo processo de semiaridez, que chegou até o Holoceno permitindo aos homens pré-coloniais a disponibilidade de fragmentos de rochas, resultando no fabrico de artefatos líticos (Relatório Salvamento Arqueológico de Xingó, 2002).

É comum encontrar em sítios arqueológicos esqueletos em maior ou menor quantidade. Muitos estão associados a rituais funerários devido a enxovais encontrados em enterramentos.

3.2 Os tipos de sítios arqueológicos pré-históricos

A lei 3.924 de 26 de Julho do ano 1961 considera como sítios pré-históricos arqueológicos, todas as jazidas que apresentem testemunhos da cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como; montes tesos, sambaquis, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias, grutas, lapas, abrigos sob-rochas, sítios de cemitério, sepulturas, inscrições rupestres, e outros vestígios de atividades indígenas.

No território brasileiro, uma categoria de sítio muito estudada é o Sambaqui. Este tipo de sítio arqueológico foi testemunho da presença humana pretérita cujas características o fazem diferente de outros sítios de ocupação humana.

Segundo o Dicionário de Arqueologia de Alfredo Mendonça de Souza, o Sambaqui se apresenta como uma colina arredondada, constituída por carapaças de moluscos (não é regra) e pode chegar a 30 metros de altura. A origem vem da palavra Tupi-guarani: Tambá (monte), e qui, conchas (SOUZA, 1997, p.115).

Dos sítios litorâneos, os sambaquis são os mais numerosos e provavelmente os mais antigos, com datações que vão desde 9000 anos até 2000 anos BP (PROUS, 1992 p. 204). Estas estruturas serviam de habitação para povos coletores, visto que são encontrados objetos feitos em osso e pedra, cerâmica, enterramentos e restos de fogueira. Este tipo de sítio é encontrado em locais onde havia abundância de marisco, opção econômica desses grupos pré-coloniais. Estão localizados em ilhas, baías, próximos a rios importantes. No Nordeste, foram identificados sambaquis em baías do Maranhão, Bahia, e indicações da existência de sambaqui em Sergipe. Além de sítios em baías, foram identificados sítios sambaquis ao longo de margens de rios que cortam o nordeste (ETCHEVARNE, 1999-2000, p. 122).

A existência de sambaqui no litoral sergipano é contestada através de pesquisas realizadas no litoral do estado de Sergipe. A região costeira sergipana não possibilitou a formação de grandes ambientes lagunares nos últimos 5.000 anos A.P. Possivelmente, a acentuada declividade da planície costeira no estado, poderia ter impedido a formação destes ambientes. Estudos geológicos-geomorfológicos, na região costeira sergipana, demonstraram que não foi possível identificar a presença de sítios arqueológicos do tipo sambaqui (AMÂNCIO & DOMINGUEZ, 2003, p. 236).

Outro sítio arqueológico pré-histórico de real importância é o sítio de arte rupestre. Existe uma quantidade significativa de sítios no nordeste “registrados sob a convencional denominação de arte rupestre” (ETCHEVARNE, 1999-2000, p. 126, op.cit.).

Os chamados sítios sob-abrigo são protegidos pela ação do tempo. Muitos destes apresentam em suas paredes rochosas registros de pinturas e gravuras feitas pelo homem no pretérito. Os sítios de arte rupestre são considerados cerimoniais, por não apresentarem vestígios puramente econômicos. Exemplos destes sítios são verificados em todo o território (PROUS, 1992, p. 32).

Além de sítios sob-abrigo e sambaquis, existem os sítios a céu aberto. Estes são classificados pela posição em que se encontram. Se instalados em zonas altas, são sítios defensivos, nas encostas de morros, sítios colinares, em regiões menos elevadas, são considerados sítio acampamento, próximos a água, são denominados sítios terraços (PROUS, 1992, p. 31, op.cit.). Exemplos de sítios a céu aberto são estudados pela arqueóloga Águeda Vilhena Vialou no estado do Mato Grosso. Os sítios a céu aberto

pesquisados por ela, estão localizados em terrenos planos e em superfície aluvial (VIALOU, 2009, p. 47).

O trabalho de salvamento arqueológico de Xingó possibilitou afirmar que uma quantidade significativa de sítios impactados pela usina Hidrelétrica, foram denominados de sítios a céu aberto, sendo utilizados como: acampamento, habitação e cemitério. Segundo Funari (2009), os assentamentos a céu aberto (sítios), são constituídos por casas e outras estruturas, coberturas de palhas, com formatos, acabamentos e tamanhos diferenciados.

3.3 Resultado das pesquisas arqueológicas na região

As pesquisas arqueológicas no estado de Sergipe tiveram como marco temporal a década de 1980, quando foi elaborado um projeto oriundo do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe – UFS. O projeto tinha como foco principal o mapeamento de sítios arqueológicos do estado (Carvalho & equipe, 1985; 1986;1987). Porém, o projeto teve que ser paralisado, para que profissionais se dedicassem a outro, em virtude da necessidade, o Projeto de Salvamento Arqueológico de Xingó.

Nesta etapa de trabalho, ou seja, durante o Salvamento do Projeto Arqueológico de Xingó, foram identificados 15 sítios arqueológicos de registros rupestres localizados ao longo dos afluentes do rio São Francisco, além de outros sítios localizados nos terraços do rio. Todos estes sítios seriam afetados diretamente pela construção da Hidroelétrica. (Relatório Salvamento Arqueológico de Xingó, 2002).

Os primeiros estudos relacionados a registros rupestres do baixo São Francisco evidenciaram grafismos com heterogeneidades temáticas, indicando que estes foram confeccionados em momentos distintos. Para entender melhor a ocupação humana na área, Amâncio (1997) propôs prospecções e estudos sistemáticos do platô.

Através de levantamentos, foram identificados sítios de grafismos nos municípios de São João, Poço Redondo, e Cedro, no Baixo São Francisco (SANTOS & AMÂNCIO, 2002).

O trabalho de salvamento arqueológico de Xingó nos terraços aluviais de fundo do canyon resultou no levantamento de 56 sítios, e que muitos destes foram caracterizados com sendo sítios a céu-aberto. Foi possível coletar uma quantidade relevante de cerâmica, ossos (humanos) de esqueletos completos associados à mobiliários funerários, material lítico, sedimentos para análises e fogueiras.

Alguns sítios arqueológicos estudados nos terraços fluviais da área de Xingó se destacam. O sítio Justino é um deles. Apresenta ocupação humana iniciada há pelo menos 8.000 A.P. e se estende até aproximadamente 2.000 A.P. Localizado no município de Canindé do São Francisco, ocupava um terraço elevado na confluência do rio São Francisco. O trabalho de escavação resultou em um grande número de peças líticas, blocos com gravuras, ossos humanos e de animais, material cerâmico, restos alimentares e fogueiras (SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ – RELATÓRIO FINAL – 2002, p. 77-105-106).

4. O SÍTIO DOM HELDER

4.1 Localização do sítio Dom Helder, caracterização do entorno, vegetação, configuração do suporte rochoso, e topografia

4.1.1 Localização do sítio Dom Helder

A fazenda Mundo Novo, local onde parte da pesquisa foi efetuada, está localizada no município de Canindé do São Francisco, com as seguintes coordenadas geográficas; 9° 30' 15" latitude Sul e a 37° 47' 45" de longitude WGR, tendo como pontos fronteiriços os estados da Bahia e Alagoas. Canindé de São Francisco está situada a 213 km de Aracaju (capital do estado de Sergipe), tendo como referência a BR 101/SE 206. O clima semiárido corrobora para a existência de uma característica de vegetação caatinga (FIG.1).

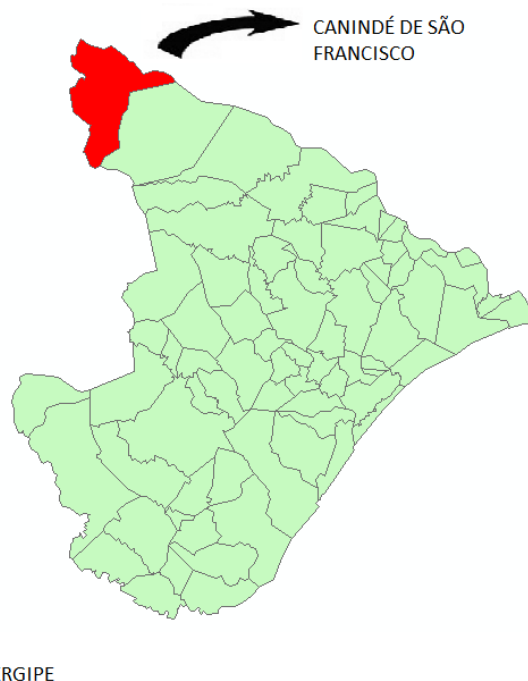


FIG. 1 - Mapa político do Estado de Sergipe (modificado de: SEMARH)

4.1.2 Caracterização do entorno

Pelo menos 90% do território do município de Canindé de São Francisco se insere no domínio neo a mesoproterozóico correspondente à Faixa de Dobramentos Sergipana, segundo informações retiradas do Mapa Geológico do Estado de Sergipe (1997). As litologias predominantes correspondem a gabros, gnaisses, granitoides, anfíbolitos, xistos, metamafitos, filitos, mármore, metaconglomerados e quartzitos. São verificados afloramentos de sedimentos paleozoicos da Bacia do Tucano Norte, em pequenas faixas localizadas nos extremos W, SW, NW, pertencentes às formações Curituba (folhelhos, diamictitos, e calcários), Tacaratu (arenitos finos a conglomeráticos e conglomerados), e Santa Brígida (arenitos, folhelhos, carbonatos e sílexitos).

A área da fazenda totaliza 663 hectares, estendendo-se pela Rodovia e margeando o rio São Francisco, no estado sergipano. A região estudada apresenta vegetação típica da caatinga, com a presença marcante de bromélias e cactáceas em períodos menos chuvosos, e grande variedade de flores silvestres em períodos com

abundância de chuvas, definindo claramente duas estações, através do clima semiárido (FIG.2).

Entre os meses de junho a agosto, há pouca incidência de chuvas, porém as temperaturas são mais amenas nestes três meses, apresentando pico maior de calor das 11 às 14 horas. O período com maior intensidade de calor é observado nos outros nove meses do ano, com extremos de temperatura média anual entre as 10 horas da manhã até às 15 horas (Prado, 2005).

FIG 2. - Sítio Dom Helder – Fazenda Mundo Novo – SE. Fonte: Google Earth



4.1.3 Vegetação

O abrigo sob-rocha Dom Helder está exposto ao clima semiárido ou tropical seco devido à irregularidade das massas de ar, com paisagem de vegetação arbustiva, típica da caatinga, e apresentando sedimentação arenosa. O relevo é do tipo chapado ou platô e o sítio é composto por um paredão rochoso de arenito.

4.1.4 Configuração do suporte rochoso

As pinturas do sítio Dom Helder, apresentam-se expostas num painel único, este formado por rocha arenítica. A observação que se faz é que a cavidade no interior do

sítio pode ter possibilitado uma ocupação. O formato do suporte rochoso apresenta falhas geológicas que possibilitam a formação de lapas e abrigos naturais. É provável que no passado, estes ambientes tenham servido para abrigar grupos indígenas pré-coloniais em suas rotas migratórias, onde a caça poderia ter sido uma das atividades principais para subsistência. Estes locais provavelmente serviram como proteção de grupos humanos das intempéries, possibilitando pouso, ou até mesmo, pontos estratégicos de observatórios de caças. Muitos abrigos sob-rocha deram suporte para demarcação de grafismos rupestres.

4.1.5 Topografia

O sítio Dom Helder corresponde à seguinte topografia: altura 2,30m x largura 4,00m x profundidade 1,72m. Apresenta um painel único de pinturas rupestres. Está sob as coordenadas: S 09° 33' 36,4" e ao W 37° 59' 32,0"), corresponde a um pequeno abrigo rochoso, marcado por pinturas com variações em tons avermelhados, e parte dessa arte sofreu intempéries, tendo sido provavelmente encoberta por sedimentos transportados, local relevante para se fazer uma sondagem e evidenciar o que o tempo tratou de esconder (figuras e prováveis artefatos). Estudos no local indicam a presença de cupins e casas de maribondo, dividindo o espaço com as pinturas (FIG.3).

No lado externo do painel, líquens são visíveis. O abrigo provavelmente foi utilizado como acampamento temporário. A vegetação que predomina é a caatinga hipoxerófila com área de vegetação arbórea e arbustos agrupados, onde as espécies mais comuns são: marmeleiro, mororó, mandacaru, angico, velande, baraúna, umbuzeiro, jurema, imburana, aroeira, macambira, xique-xique, caatingueira (PRADO, 2005).

A compreensão da paisagem do entorno do sítio é relevante, pois possibilitou ocupações humanas pretéritas.



FIG. 3 - Sítio sob-rocha Dom Helder. Foto: Ghiggi, 2012

4.2 Metodologia de abordagem do sítio

Para a concretização desse trabalho, foram efetuados levantamentos bibliográficos sobre Arqueologia pré-histórica no Nordeste do Brasil, e região de Xingó em Sergipe. Dentre os principais autores que tratam sobre o assunto estão, Martin (2008), Prous (1992), Etchevarne (1999-2000). Para maior compreensão dos métodos e técnicas aplicados em campo bem como análise de material arqueológico pré-histórico, foram utilizadas bibliografias de Prous (1992), Renfrew & Bahn (1993), Fogaça & Lourdeau (2007).

4.2.1 Área 1 – Sítio Dom Helder

O estudo do sítio Dom Helder foi possível devido algumas pesquisas efetuadas relacionadas a registros rupestres, e a constatação de que a área geográfica compreendida como Fazenda Mundo Novo é certamente um local com potencialidade arqueológica. Existem na Fazenda cinco sítios arqueológicos cadastrados com registros rupestres, distribuídos espacialmente e relacionados entre si.

Para a escavação, optou-se em trabalhar com algumas medidas pré-estabelecidas seguindo a estrutura rochosa frontal do abrigo (comprimento), tendo como limite a profundidade do mesmo. O abrigo apresenta as seguintes medições: (FIG.4).

- Largura: 4,00m (parte frontal do abrigo)
- Altura: 2,30m
- Profundidade: 1,72m (horizontal)



FIG. 4 - Divisão das quadras no abrigo sob-rocha Dom Helder. Foto: Ghiggi, 2012

A escavação foi feita através de níveis artificiais a partir de quadras com as seguintes medições: área frontal do abrigo – 2,00 metros de comprimento por 1,72 metros de profundidade. Apensar desse método de escavação ser considerado simplista

e ter surgido através da implantação do PRONAPA, ainda hoje é preferência de vários arqueólogos brasileiros, sendo linha de pesquisa adotada pelo Museu Paraense Emílio Goeldi nos estudos na região amazônica (MARTIN, 2008, p. 92).

De acordo com Renfrew & Bahn (2008),

“Excavation is both costly and destructive, and therefore never to be undertaken lightly. Wherever possible non destructive approaches outlined earlier should be used to meet research objectives in preference to excavation. But assuming excavation is to proceed, and the necessary funding and permission to dig have been obtained, what are the best methods to adopt?” (RENFREW & BAHN, 2008, p. 108).

Uma escavação além dos custos, sempre passa pelo processo destrutivo, exigindo do pesquisador a escolha de determinados métodos. Muitas vezes para que uma pesquisa se torne mais completa, se faz necessário optar pelo método de escavação, daí a necessidade de registros do passo a passo dos trabalhos de campo.

De acordo com Martin (2008, p. 93), uma escavação deve ser efetuada de forma exaustiva, extensiva e intensiva. Métodos necessários para maior compreensão das ocupações humanas em uma área arqueológica abrangente. A escavação realizada no sítio Dom Helder não obedeceu a esses critérios, sendo necessário dar continuidade às pesquisas na área para melhor compreensão das ocupações humanas pretéritas na região.

O sítio estudado está inserido dentro de uma área arqueológica? A arqueóloga Niède Guidon, optou por trabalhar com pesquisa intensiva no município de São Raimundo Nonato, Piauí, esgotando arqueologicamente os sítios escolhidos durante anos em uma área, resultando num conjunto de materiais pré-históricos. Foi classificada como sendo a maior área arqueológica do Brasil. Apesar da potencialidade arqueológica do espaço geográfico da Fazenda Mundo Novo, pesquisas sistemáticas devem ser feitas, para que esta possa ser considerada área arqueológica.

Foram escavados 50 centímetros de profundidade em níveis artificiais feitos de 10 em 10 centímetros. Os croquis do abrigo foram feitos em papel milimetrado, constando detalhamento dos níveis de escavação. Não houve mudança estratigráfica e o sedimento está representado por grãos arenosos soltos, de coloração cinza escuro. A Quadra C apresentou raízes desde a superfície até a altimetria de 50 centímetros.

As quadras foram divididas de formas desiguais obedecendo à formação natural rochosa do abrigo, resultando nas seguintes medições: Quadra C 1x1m – Quadra D 1x1m – Quadra A 1x 0,72 cm – Quadra B 1x 0,80 cm - Quadra B1 (extensão da quadra B) 40 x 38 cm. (FIG.5).

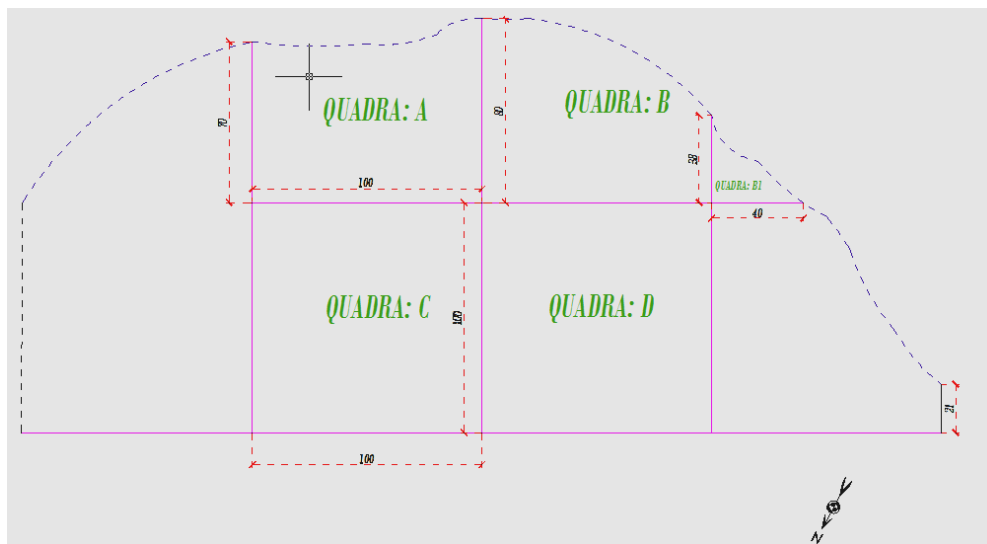


FIG. 5 - Divisões das quadras no abrigo Dom Helder – Crédito: T. Almeida, 2012.

As ramificações eram visíveis também nas quadras A e D, dificultando o processo de escavação. Na medida em que o sedimento foi sendo retirado, parte de pinturas que estavam encobertas, foram aos pouco se tornando visíveis (FIG.6).



FIG. 6 - Presença de raízes no sítio Dom Helder. Foto: Ghiggi, 2012

Foram retiradas amostras de carvão e de sedimentos de 10 em 10 centímetros, cujos resultados serão utilizados em pesquisas futuras. Ao término da escavação, foi coletada uma pequena amostra do perfil estratigráfico para análise em laboratório, que acrescentará dados sobre a ocupação humana no sítio Dom Helder (FIG.7)



FIG. 7 - Amostra do perfil estratigráfico – sítio Dom Helder – Foto: Farias F., 2012

Após o término da escavação, todo o sedimento retirado do solo foi devolvido, recobrimdo todo o espaço vazio. Esse procedimento significou o não esgotamento arqueológico do sítio, e facilitará os estudos sequenciais que seguirão (FIG.8).



FIG. 8 - Plástico colocado no solo após o término da escavação – Foto: Farias, 2012

Os sítios arqueológicos pertencentes à Fazenda Mundo Novo foram cadastrados segundo as fichas com dados exigidos pela regulamentação de 1988 da lei n°. 3924, de 1961, pelo IPHAN. Para verificação das coordenadas em UTM fez-se uso do aparelho GPS Etrex Garmin com altímetro. O sítio Dom Helder está a cerca de 300 metros de altitude em relação ao nível do mar.

O material arqueológico do sítio Dom Helder foi incorporado ao acervo do laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Todo o material retirado da escavação foi numerado, acondicionado com papel especial, e indexado em caixas apropriadas. Para documentar o material através de fotografias, uniram-se as peças de cada quadra, com os mesmos níveis estratigráficos. O material retirado de cada altimetria foi fotografado em conjunto. Algumas peças arqueológicas foram registradas através de fotografias individualizadas para maior destaque (FIG.9).



FIG. 9 - Acondicionamento do material arqueológico: sítio Dom Helder. Foto: Ghiggi, 2012

4.3.2 Análise do material lítico do sítio sob-rocha Dom Helder

A análise do material lítico foi feita através de estudos de Prous (1992) e Fogaça & Lourdeau (2007).

Não foram analisados todos os processos da atividade artefactual, ou seja, desde a escolha do bloco natural, núcleos, resíduos de lascamento e lascas de retoque para identificação do produto final. Esse procedimento minucioso se dará em outro momento.

O material lítico do sítio Dom Helder é caracterizado por lascas de quartzo, sílex, quartzito, e arenito silicificado. Porém, o quartzo e o quartzito se apresentam em número maior. Alguns núcleos, raspadores, lascas de lítico e um machado foram contabilizados. Os artefatos líticos do sítio em questão seguiram os seguintes critérios básicos de análise: categoria morfológica, matéria prima, técnica de lascar, face superior (com ou sem córtex), medidas, e algumas observações quando necessário.

Percebeu-se a preferência pelo quartzito para a confecção do material arqueológico. Constatou-se que a técnica utilizada é lascamento unipolar. Ao todo

foram analisadas 43 peças arqueológicas líticas. Sete fragmentos de gastrópodes não foram estudados. Apesar desses fragmentos não serem considerados arqueológicos, serão analisados criteriosamente mais adiante, pois são vestígios que poderão ser úteis para as interpretações dos resultados de pesquisas que se seguirão no local.

A direção de uma pesquisa arqueológica não se dá somente através dos objetivos. O próprio sítio Dom Helder foi determinante na escavação, onde este possibilitou uma escavação através de uma perspectiva vertical, por meio de níveis artificiais, privilegiando estudos de artefatos e outros vestígios. É sabido que o processo de escavação em um sítio arqueológico é considerado destrutivo. Caso não sejam efetuados todos os registros do local, detalhes pequenos poderão ser perdidos para sempre. Para que nenhuma informação do sítio em questão fosse perdida, houve a preocupação em registrar minuciosamente toda a complexidade que envolve um trabalho de campo.

De acordo com Renfrew & Bahn (1993), a complexidade de um trabalho de campo e seu procedimento só serão valorizados se a pesquisa tiver orientação necessária de suporte teórico, ou seja, para os processos interpretativos arqueológicos, se faz relevante o aprofundamento teórico. O conhecimento arqueológico deve ultrapassar os limites de uma escavação e dos estudos dos materiais resultantes da mesma.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O sítio arqueológico sob-rocha Dom Helder se enquadra em modelos de sítios estudados no nordeste. Porém no estado de Sergipe, é o primeiro abrigo sob-rocha de pintura rupestre escavado, sendo o início de uma longa jornada arqueológica. Os resultados da pesquisa implicam na necessidade de estudos mais aprofundados e minuciosos não só no abrigo Dom Helder, porém nos demais sítios de registros rupestres que fazem parte do contexto arqueológico, para que possa fazer interpretações das hipóteses e chegar a resultados.

As conclusões iniciais provenientes das análises de campo configuram tal sítio como sítio arqueológico, modelo de ocupação humana, devido a marcas de pinturas nas paredes do abrigo Dom Helder.

Segundo Martin (2008), o sítio arqueológico é compreendido como assentamentos humanos, locais com possibilidades de ocupações expressivas que permitem estudar os grupos étnicos que os povoaram (MARTIN, 2008, p. 87).

A autora ressalta ainda que para conhecer melhor os homens pré-históricos de uma forma mais abrangente,

“Os sítios devem ser escavados exaustivamente e de preferência pelas mesmas equipes de arqueólogos, como forma de se estabelecer uma sistemática comum e uma metodologia compatível com a área e suas condições ecológicas, buscando-se, assim, o conhecimento pré-histórico de todo um nicho ecológico, dos homens que o habitaram, seus meios de sobrevivência e estratégia de adaptação” (MARTIN, 2008; p.87).

O sítio sob-rocha Dom Helder não foi escavado exaustivamente como propõe Martin (2008), porém o estudo no local permitiu observar que o mesmo pode estar relacionado a possíveis funcionalidades. Lugar que possibilitou uma ocupação humana no espaço, onde estes ocupantes aproveitaram a formação natural rochosa do abrigo para deixar suas marcas. Além dos vestígios parietais, o solo também testemunhou a presença humana pretérita através de vestígios e artefatos líticos. Segundo Renfrew & Bahn (2008), vestígios são mudanças físico-químicas (tonalidade, compactação, textura do sedimento), que ocorrem no solo, causadas através da ação antrópica.

Optou-se em descrever os resultados da escavação do sítio Dom Helder, a partir de níveis altimétricos. Desta forma, a primeira descrição do solo se fez de forma inversa, ou seja, da camada mais recente de ocupação humana para a mais antiga. Sendo assim, a descrição abaixo, corresponde ao nível de 0 a 10 centímetros, sendo que a camada mais antiga escavada está entre os níveis 40 e 50 centímetros.

Quanto à matéria prima, estão presentes lascas de quartzo, lascas de arenito silicificado, um núcleo de quartzo, um machado de arenito silicificado, dois raspadores, e um fragmento de ocre. Todas as lascas apresentam técnica unipolar de lascamento (FIG.10).



FIG. 10 - Conjunto de material arqueológico sítio Dom Helder – nível 0-10 cm. Foto: Ghiggi, 2012

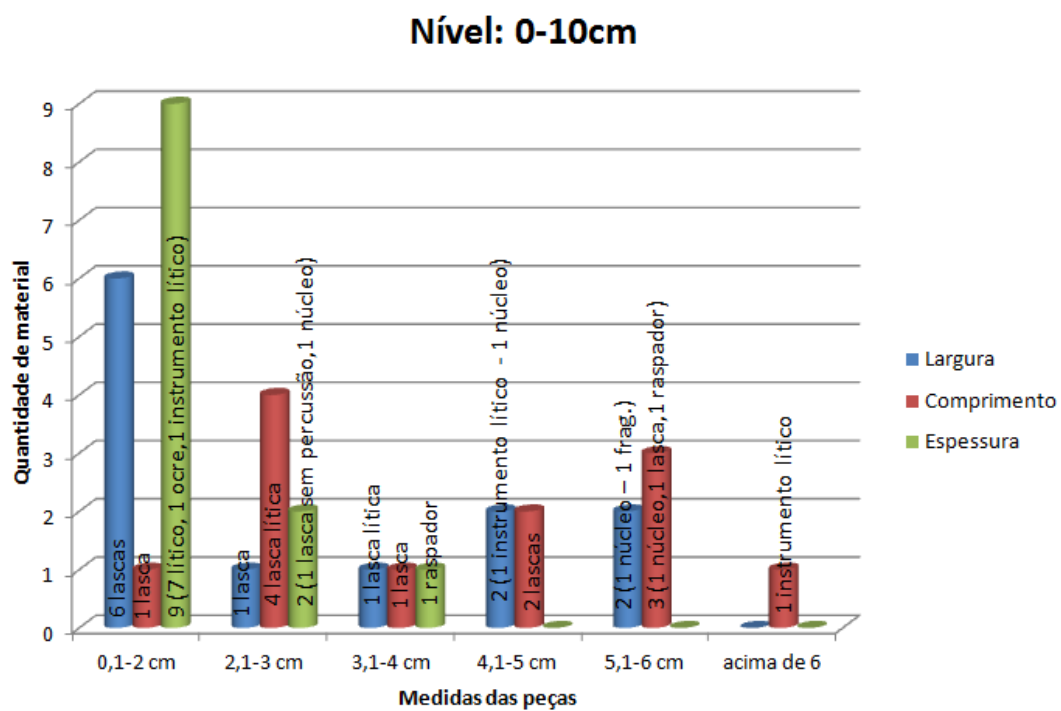


Gráfico 1 - Quantidade de material retirado do sítio Dom Helder – nível 0 – 10 cm

Verificou-se através da análise gráfica, que quanto maior o tamanho da peça, menor a quantidade destas. Nesse nível, foram retirados dois raspadores, um machado, e um núcleo. As lascas perfazem um total de sete peças. Ainda nesse nível, está presente um fragmento de ocre (Gráfico 1).

Para o nível de 10 a 20 centímetros, as peças encontradas são constituídas em sua maioria da matéria prima quartzo. Verificou-se apenas um fragmento lítico de sílex e uma lasca de arenito silicificado. Nesse nível foi possível observar a presença de um raspador de quartzo. Cinco lascas líticas possuem córtex na face superior. Todo esse material arqueológico apresenta técnica unipolar de lascamento (FIG.11).



FIG. 11 - Conjunto de material arqueológico sítio Dom Helder – nível 10 – 20 cm. Foto: Ghiggi, 2012

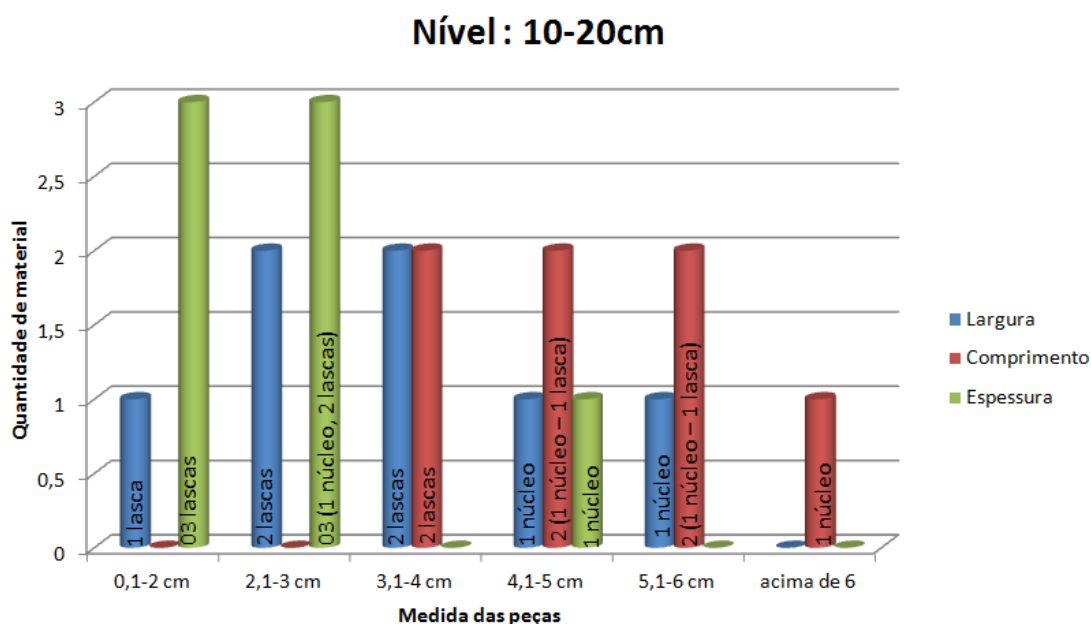


Gráfico 2 – Quantidade de material retirado do sítio Dom Helder - nível 10-20 cm

O gráfico acima corresponde à análise dos resultados do material arqueológico do nível: 10 a 20 centímetros. Dentre as sete peças, apenas uma apresenta medições que ultrapassam 6 (seis) centímetros de comprimento. A maioria delas está com as medições entre 0,1 a 6 centímetros (Gráfico 2).

O conjunto de peças conforme fotografia em anexo é parte integrante do nível entre 20 a 30 centímetros. Observou-se um fragmento de seixo e seis lascas. Uma das lascas corresponde à matéria prima sílex, três lascas em arenito silicificado e duas lascas de quartzo (FIG.12).

Alfredo Mendonça de Souza em seu *Dicionário de Arqueologia* revela que, seixos são fragmentos separados da rocha mãe de longa data e possuem formas arredondadas, arestas desgastadas, cuja superfície é constituída por um córtex de espessura diferenciada. A matéria-prima dos seixos forma um número expressivo de utensílios pré-históricos. No entanto, somente os vestígios de córtex possibilitam decidir se a matéria-prima foi ou não um seixo. Analise que lascas correspondem a fragmento de rocha, “debitado por uma percussão aplicada em um ponto determinado do núcleo” (SOUZA, 1997, p. 72-116).



FIG. 12 - Conjunto de material arqueológico sítio Dom Helder – nível 20-30 cm. Foto: Ghiggi, 2012

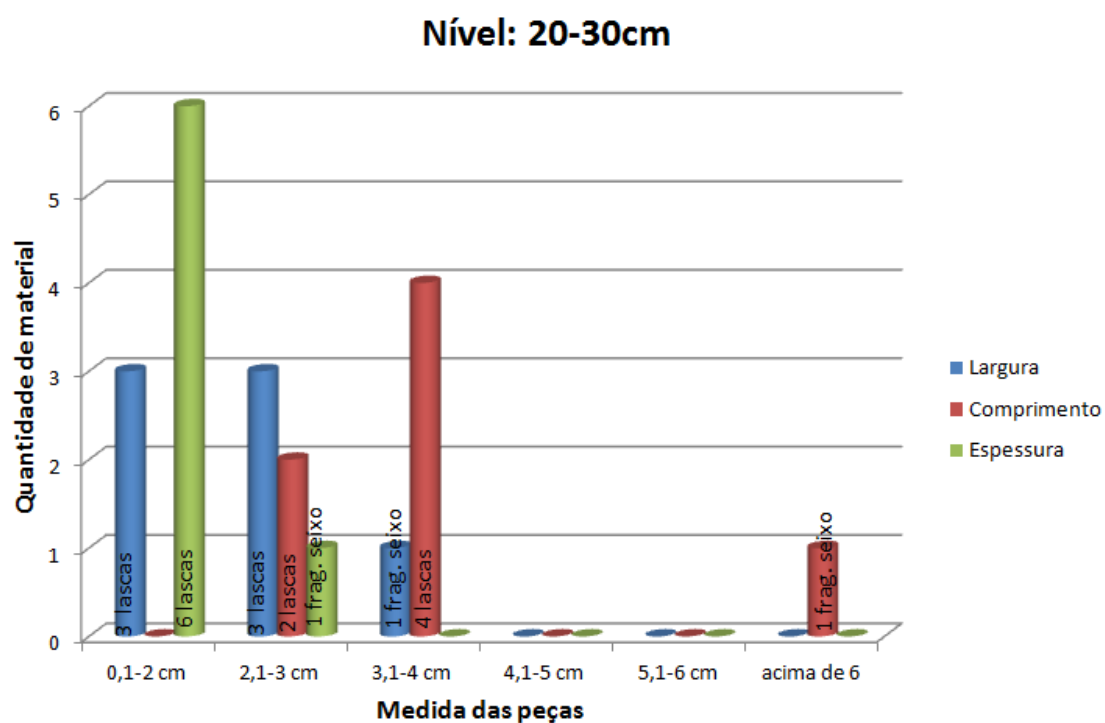


Gráfico 3 - Quantidade de material retirado do sítio Dom Helder – nível 20-30 cm.

Conforme a análise do gráfico 3, percebeu-se que a quantidade de material arqueológico diminuiu na medida em que a altimetria aumentou. Outro ressalvo é que

neste nível de 20 a 30 centímetros, foram encontradas somente lascas líticas com tamanhos variados. O arenito silicificado é a matéria prima constatada na maioria das lascas. Em relação aos tamanhos das peças nesta altimetria, notou-se que a maioria tem medições que variam entre 0,1 centímetro a 4 centímetros. Apenas o fragmento de seixo apresenta uma medição acima de 6 centímetros de comprimento. Todas as peças estão correspondentes ao nível acima, estão representadas pela técnica unipolar de lascamento (Gráfico 3).

Observou-se que a quantidade de lascas líticas retiradas no nível de 30 a 40 centímetros é maior que no nível anterior. Foram contabilizadas cinco lascas de quartzo, seis lascas de arenito silicificado, um núcleo de arenito silicificado, e uma lasca em sílex. A matéria prima arenito silicificado aparece na maioria das lascas, seguido de lascas de quartzo. Somente uma lasca lítica apresenta córtex. Todas as peças correspondem à técnica de lascamento unipolar (FIG.13).



FIG. 13- Conjunto de material arqueológico sítio Dom Helder – nível: 30-40 cm.
Foto: Ghiggi, 2012

As lascas líticas apresentadas no nível de 30 a 40 centímetros, conforme demonstrado no gráfico acima, correspondem a medições que variam de 0,1 centímetro

a quatro centímetros de comprimento. A medição maior é referente a um núcleo de arenito silicificado (Gráfico 4).

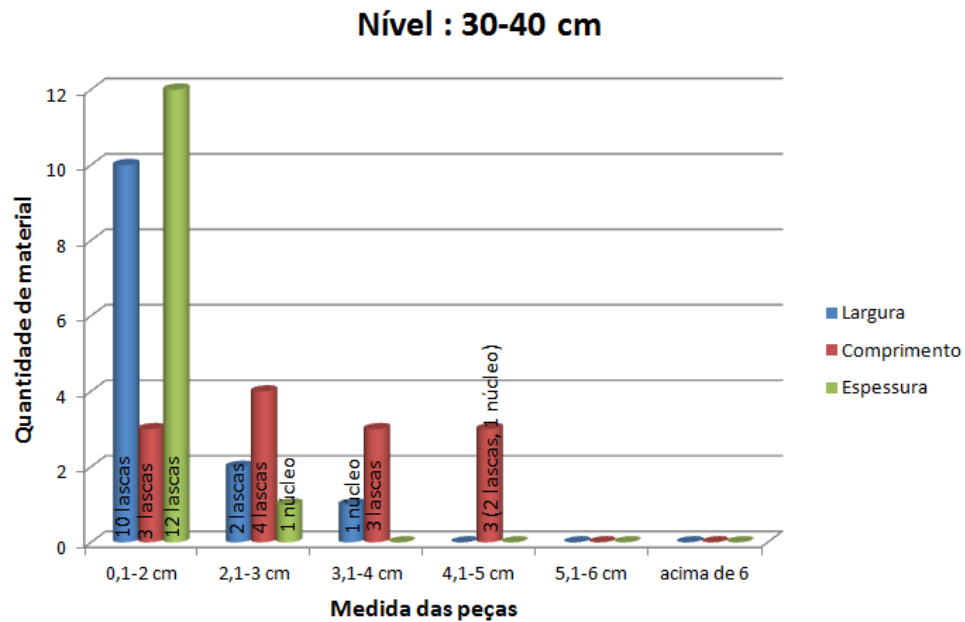


Gráfico 4 - Medida das peças arqueológicas sítio Dom Helder - nível 30-40cm

No último nível correspondente: 40 a 50 centímetros revela que, a quantidade de material nessa altimetria é menor em relação aos outros níveis, perfazendo um total de quatro lascas de lítico, sendo duas de quartzo e as outras duas de arenito silicificado. A técnica de lascamento é unipolar. Duas peças apresentam córtex na face superior (FIG.14) - (Gráfico 5).

Segundo Prous (1992) a técnica de lascamento mais “clássica” é a chamada de lascamento unipolar onde,

“... o artesão, ou o experimentador, segura um bloco de matéria-prima na mão esquerda (a não ser que seja canhoto) e um batedor (também chamado percutor) na mão direita. Escolhemos uma superfície adequada (o plano de percussão), bate nesta para retirar uma lasca do bloco. Esta operação deve ser feita em função das normas estritas, sendo uma delas a de que o ângulo entre o plano de percussão e a parte externa do bloco a ser lascado seja igual ou inferior a 90 graus (senão não haverá lascamento)” (PROUS, 1992, p.67,68).



FIG. 14 - Conjunto de material arqueológico sítio Dom Helder – nível: 40-50 cm.
Foto: Ghiggi, 2012

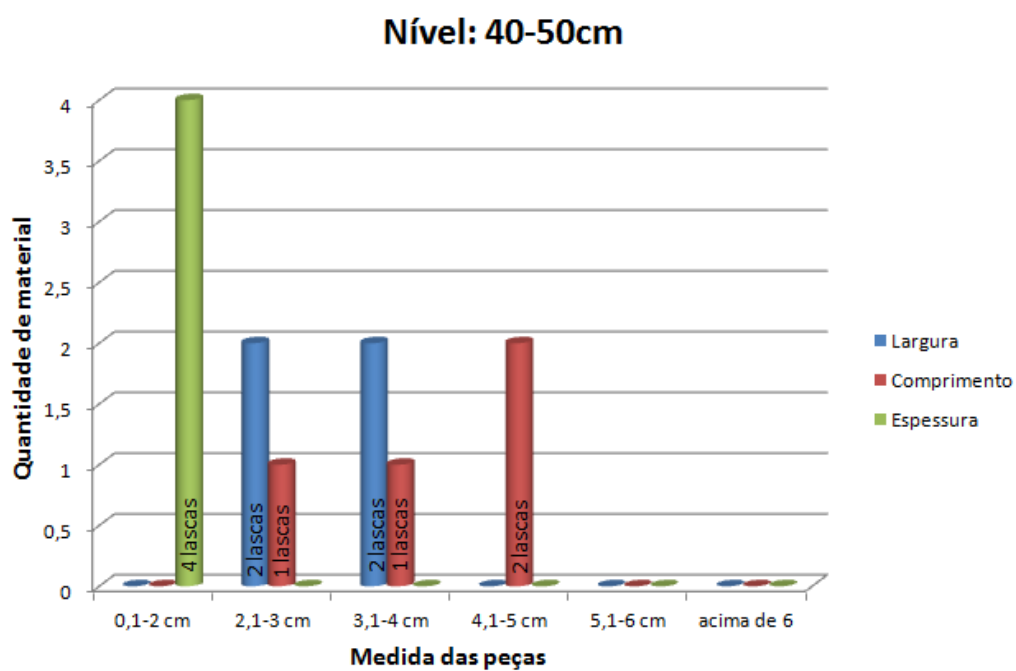


Gráfico 5 - Quantidade de material retirado do sítio Dom Helder - nível 40-50 cm

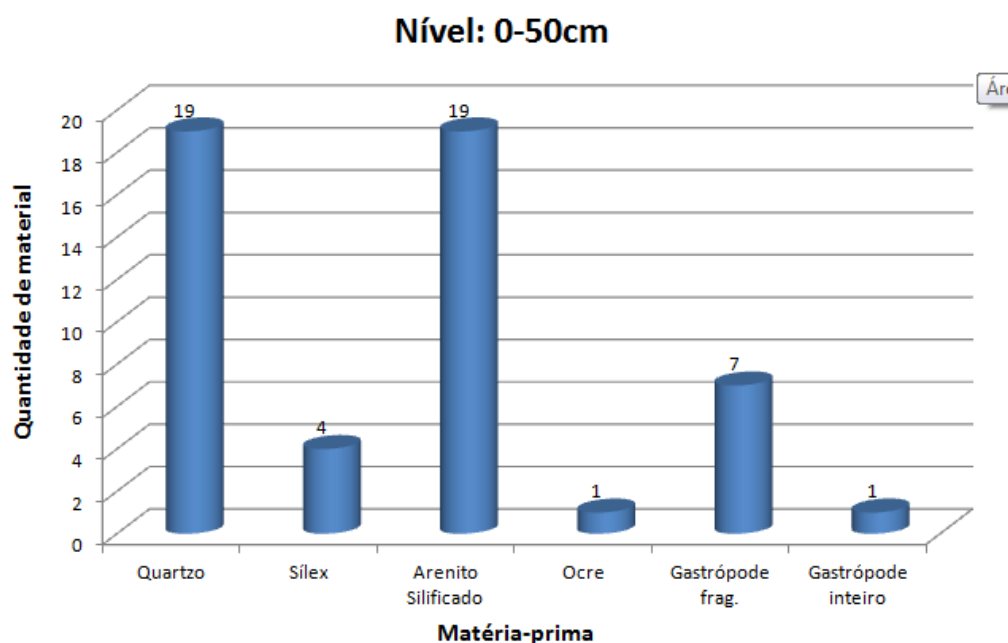


Gráfico 6 - Variabilidade de classe e matéria-prima dos artefatos líticos coletados no sítio abrigo sob-rocha Dom Helder. Entre os níveis de 0-50 cm.

O gráfico acima apresenta a variabilidade de classe e matéria prima do material arqueológico do sítio Dom Helder: dezenove peças são constituídas pela matéria-prima quartzo e outras dezenove peças correspondem ao arenito silicificado. Quatro peças são de sílex, e um fragmento é da rocha ocre (Gráfico 6). Sete fragmentos de gastrópode e um gastrópode inteiro foram retirados do sitio Dom Helder (FIG.15).



FIG. 15 - Amostras de gastrópodes retirados do sítio Dom Helder. Foto: Ghiggi, 2012

Na escavação do abrigo sob-rocha Dom Helder, estava presente um machado, cujo comprimento perfaz o total de 14,6 centímetros de comprimento. Este instrumento foi encontrado entre o nível de 0 a 10 centímetros. Possui marcas de polimento com desgastes na parte proximal e distal, cuja matéria prima é arenito silicificado. Esse artefato pode ter sido utilizado para cavar a terra, ou para outras funções (FIG.16).



FIG. 16 - Machado polido encontrado entre o nível 0 -10 centímetros – sítio Dom Helder. Foto: Ghiggi, 2012

Entre o nível 0 a 10 centímetros, verificou-se a presença de um fragmento de ocre, que pode ter sido utilizado para confecção das pinturas existentes nas paredes do abrigo sob-rocha Dom Helder (FIG.17- A-B) (FIG.18).



FIG. 17 - Fragmento de ocre retirado no sítio Dom Helder – nível: 0-10 cm. Foto: Ghiggi, 2012



FIG. 18 - Abrigo sob-rocha Dom Helder – Fazenda Mundo Novo – Sergipe. Foto: Ghiggi, 2012

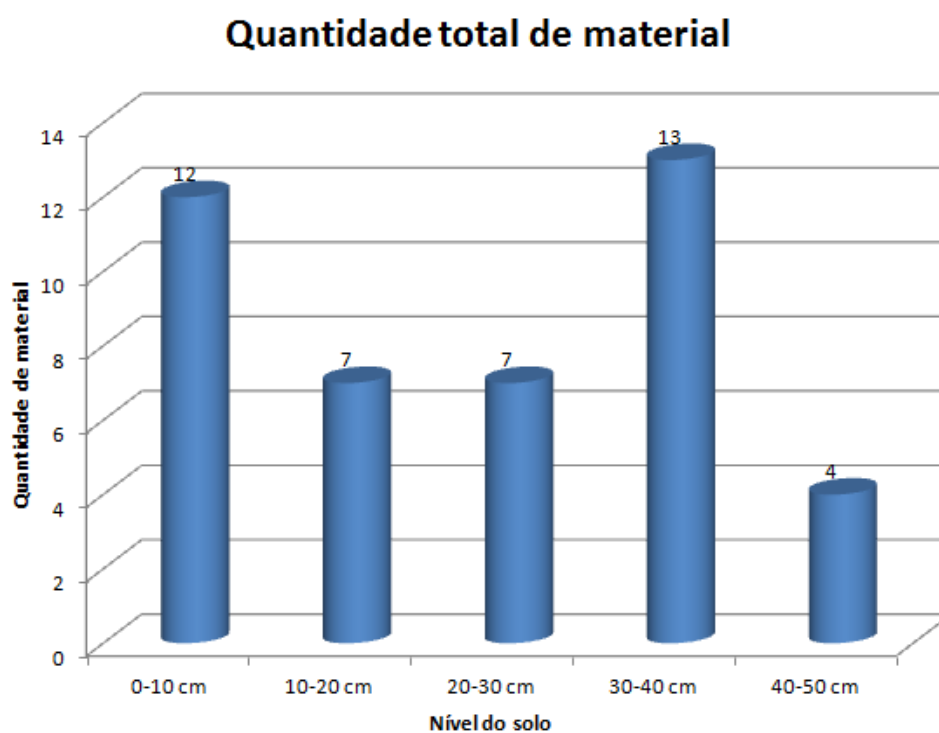


Gráfico 7 - Quantidade total de material encontrado no sítio Dom Helder

O gráfico acima representa a totalidade de materiais arqueológicos encontrados no sítio Dom Helder entre os níveis: 0 a 50 centímetros (Gráfico 7).

- Nível 0-10 cm: 12 peças arqueológicas
- Nível 10-20 cm: 07 peças arqueológicas
- Nível 20-30 cm: 07 peças arqueológicas
- Nível 30-40 cm: 13 peças arqueológicas
- Nível 40-50 cm: 04 peças arqueológicas

Total Geral de peças arqueológicas encontradas no sítio Dom Helder – 43 peças

A análise do material lítico para este estudo foi feita de forma sucinta. Porém, para que haja maior compreensão sobre o habitat, os métodos de fabrico e como os instrumentos foram utilizados, Fogaça & Lourdeau (2007) propõem, que apenas definição morfológica do material lítico, não basta para compreender as mudanças.

“(...) uma definição apenas morfológica dos instrumentos líticos pode se revelar, como é, aliás, a regra, insuficiente para caracterizar uma indústria lítica; variações, muitas vezes significativamente expressivas do ponto de vista cultural, podem ser percebidas: na adaptação das cadeias operatórias às circunstâncias do habitat, nos métodos de fabricação dos instrumentos, nas estratégias de reaproveitamento dos utensílios (Perlès, 1992). Não precisamos apelar para catastróficas mudanças ambientais para entender porque facas, raspadores, furadores... se transformam ao longo do tempo” (FOGAÇA & LOURDEAU 2007, p. 265).

Uma cadeia operatória com método de análise tecnológica envolve uma série de etapas que são desenvolvidas durante o processo de uma atividade, composta por símbolos culturais e individuais. As etapas compreendidas, vão desde a escolha da matéria-prima, sequência de lascamento, utilização, manutenção dos instrumentos, e por fim, o descarte. A análise tecnológica do material lítico encontrado no sítio Dom Helder, fica em aberta para pesquisas sequencias, onde será disponibilizado maior tempo, portanto esta questão não foi foco principal de discussões.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de análises prévias dos vestígios líticos encontrados no sítio sob-rocha Dom Helder, podemos levantar algumas hipóteses preliminares sobre o processo de formação do sítio. Porém essas hipóteses deverão ser cruzadas com resultados de pesquisas futuras e análises metódicas em relação aos vestígios e material lítico encontrado. O abrigo sob-rocha Dom Helder foi ocupado pelo homem pré-colonial, pois este deixou marcas de passagem não só demonstradas através das decorações nas paredes rochosas do abrigo, bem como, através de vestígios no solo e instrumentos líticos que possibilitaram fazer inferências sobre a ocupação humana no abrigo Dom Helder.

Provavelmente, a matéria prima utilizada na confecção dos instrumentos líticos tenha sido retirada de lugares não muito distantes, visto que a literatura sobre a formação geológica do município de Canindé de São Francisco permite relacioná-la com a da matéria prima do material arqueológico encontrado no sítio Dom Helder. A cadeia operatória (escolha do bloco até o resultado final) se torna relevante, pois estabelece a compreensão entre a matéria e os processos de produção, a partir dos quais, os artefatos foram resultantes. O conhecimento tecnológico pode dar dimensões simbólicas e social para entender as expressões culturais. Vale lembrar que o estudo minucioso de todo o processo que implica nos resultados artefatuais, tais como: grupos culturais e aspectos relacionados à tempo e espacialidade, se faz necessário, e se dará em pesquisas futuras.

O sítio arqueológico não apresentou cerâmica. Porém, a ausência de cerâmica não significa que esses grupos não praticassem a agricultura. Alguns tipos de machados polidos segundo Martin (2008, p.182) podem estar associados a grupos de agricultores, cuja função é cavar a terra. O machado polido encontrado na subsuperfície do abrigo poderia confirmar práticas de plantio?

A presença de fragmentos de carvão entre os níveis correspondentes de 0 a 50 centímetros, é indicativo da presença humana no abrigo Dom Helder. Os resultados das análises do carvão serão apresentados em outro momento, juntamente com os resultados de análises do solo. Ambos possibilitarão interpretações das hipóteses sobre a ocupação pretérita no sítio.

As características ambientais nas quais o sítio sob-rocha Dom Helder está inserido, ou seja, em uma área de platô e nas proximidades do rio São Francisco, foram fatores relevantes para a escolha da moradia? A percepção idealista que permeia grande parte da literatura sobre a forma de utilização de uso de abrigos de acordo com sua forma e função persiste. Porém, o sítio sob-rocha Dom Helder se encaixa dentro dessa percepção idealista? A pouca profundidade do abrigo serviu apenas para suporte da arte rupestre? Apesar de sua pouca profundidade possibilitou uma ocupação prolongada? O sítio sob-rocha Dom Helder poderia estar fora dessa percepção idealista sobre o uso dos abrigos de acordo com a forma e função encontrada em boa parte da literatura sobre a pré-história? Possuímos o domínio sobre esse passado longínquo?

O fato do sítio não ter sido escavado de forma intensiva e sistemática, não demonstra uma ideia simplista de se pesquisar, e sim, maturidade sobre a práxis arqueológica. Os dados aqui contemplados serão somados aos estudos existentes sobre sítios pré-históricos na região e nordeste, para que se tenha um panorama mais claro sobre as ocupações humanas em abrigos sob-rocha, e apresentados em outro momento. A materialidade não representa aspectos totais do passado humano, pois o tempo apaga informações fundamentais, principalmente quanto se trata de material arqueológico produzido pelo homem em um passado longínquo. São fatores que levam o pesquisador a limites interpretativos.

São desconhecidas as correlações entre habitat e a arte existente nas paredes do abrigo sob-rocha Dom Helder, devido as poucas pesquisas sobre na área de estudo. O que se sabe, é que essa atividade artística é garantia da presença do homem no sítio e entorno. A ocupação do que chamamos de *espaço* físico do abrigo sob-rocha, possivelmente foi determinante para a prática de algumas atividades do homem pré-colonial. As ideias, os símbolos e a organização estruturada do espaço parietal, são testemunhos de que o homem participou dinamicamente do meio em que viveu, com modos de pensar, agir, e liberdade de expressão. Apesar das inferências, definitivamente, não possuímos o domínio desse passado longínquo.

O sítio Dom Helder pode ser considerado um lugar, e ao mesmo tempo, um espaço praticado, pois exhibe em sua parede rochosa, elementos simbólicos que o demarcam, e permitem uma intercomunicação com outros lugares. A existência de outros cinco sítios com manifestações simbólicas nas proximidades do abrigo Dom

Helder, faz com que haja harmonia e uma provável intercomunicação. Basta tentar entender essa dinâmica, e buscar sabedoria para interpretá-los.

Os registros rupestres nas paredes de abrigos fazem parte das primeiras manifestações artísticas. Refletem através dos símbolos a identidade cultural produzida por determinados grupos humanos no passado. A Fazenda Mundo Novo nos privilegia com este legado. Porém, para que esta arte transpasse cronologias, faz-se necessária e urgente, decisões dos órgãos competentes que envolvam práticas preservacionistas para evitar que fatores naturais, insetos, e interferências antrópicas, contribuam de forma acelerada para a destruição das pinturas do abrigo sob-rocha Dom Helder, e os demais sítios de manifestações artísticas que compõem tal cenário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMANCIO, S. G.; DOMINGUEZ, J. M. L. – *Avaliação de áreas potenciais à presença de sambaquis na costa do estado de Sergipe, utilizando como ponto de partida uma compreensão da evolução da zona costeira nos últimos 5.600 anos A.P* – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. Canindé, Xingó, n.3, pp. 192-223, 2003.

AMANCIO, S. G. *Arte Rupestre do Xingó. Cadernos de Arqueologia*. Projeto Arqueológico do Xingó – Universidade Federal de Sergipe/CHESF/PETROBRÁS, 1997.

BINFORD, S. R. *Early Upper Pleistocene Adaptations in the*. (EDITORA), 1968.

CARVALHO, F. L. e equipe do PAX. *Relatórios do Projeto de Mapeamento dos Sítios Arqueológicos do Estado de Sergipe*. DCS/UFS (mimeografado), 1985-1986-1987.

DANTAS, B. G. *Os índios em Sergipe. Textos para a História de Sergipe*. UFS/BANESE, Aracaju, 1991, pp. 19-55.

_____. *Missão Indígena do Geru*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracaju, (29), 1983, pp. 65-87.

_____. *História de grupos Indígenas e fontes escritas: o caso de Sergipe*. Revista de Aracaju. (8), 1985 pp. 115-123.

ETCHEVARNE, C. *A ocupação Humana do Nordeste Brasileiro antes da Colonização*. REVISTA USP, São Paulo, n.44, dezembro/fevereiro, 1999-2000, pp. 112-141.

FOGAÇA, E. : LOURDEAU, A. *Uma abordagem tecno-funcional e evolutiva dos instrumentos plano-convexos (lesmas) da transição Pleistoceno/Holoceno no Brasil Central*. In: II Simpósio Internacional - O Povoamento das Américas. Fundamentos. São Raimundo Nonato, Vol. 7. 2007, pp. 260-293.

FREIRE, F. *História de Sergipe*. Coleção Dimensões do Brasil, 2ª edição. Editora Vozes, Petrópolis–RJ, 1977, pp. 67-98.

FUNARI, P. P.; NOELLI, F. S. *Pré-história do Brasil* – 3. ed., 1ª reimpressão – São Paulo, (Repensando a História), 2009.

_____. *Pré-história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.

GASPAR, M. *A arte rupestre no Brasil*. 2. Ed. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2006, p. 84.

JOHNSON, M. *Teoría arqueológica – Uma Introducción*. 1ª edición: junio, 2000.

LEITE, R. P. *Contra-Usos da Cidade*. 2ª ed. Campinas, Ed. Unicamp/São Cristóvão, Ed. UFS, 2007.

LEROI-GOURHAN, A. *Pré-História*. São Paulo: Pioneira, 1981.

MAMIANI, L. V. de. *Catecismo Kiriri*. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1942.

MARTIN, G. 2008. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 5. Ed. Editora Universitária da UFPE, 2008, p. 434.

MOCELLIN, A. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Vol. 6 - n. 3 janeiro-julho/2009

MOTT, L. R. de B. *Sergipe del Rey; população, economia e sociedade*. Fundesc, Aracaju-Se, 1986, p. 204.

PINTO, E. *Os Índios do Nordeste*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1935.

PRADO, M. V. P. *Ecoturismo e capacidade de Carga nas Trilhas da Fazenda Mundo Novo/Canindé do São Francisco*. Aracaju/SE. UFS/PRODEMA, 2005. (Dissertação de mestrado em desenvolvimento e Meio Ambiente).

PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Editora UNB, Universidade de Brasília. Brasília, 1992, p. 605.

_____. *O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país*. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro - RJ, 2006, p. 140.

RENFREW, C. & BAHN, P. *Arqueologia. Teorías, Métodos y Práctica*, Madrid, Ediciones Akal, 1993.

_____. *Archaeology: Theories, Methods, and Practice* – Fifth edition - Thames & Hudson – New York – 2008, p. 666

SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ – Relatório Final, MAX/UFS, 2002, 224 p.

SANTOS, D. B., AMANCIO, S. G. *Levantamento de sítios com arte rupestre no domínio Macururé ao longo do Baixo São Francisco-SE*. Anais do segundo Workshop Arqueológico de Xingó. MAX/UFS, 2002, pp. 79-82.

SOBRINHO, S. *Laudas da História de Aracaju*, 1954, 320 p.

SOUSA, G. S. de. 1938. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, SPHAN. 1984, p. 493.

SOUZA, A. M. *Dicionário de Arqueologia*. Rio de Janeiro: ADESA, 1997, p. 140.

VILHENA-VIALOU, A. *Tecnologia lítica no planalto brasileiro: persistência ou mudança*. Revista de Arqueologia, 22 (2), 2009, pp. 35-53.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DANTAS, B. G. *História de grupos indígenas e fontes escritas: o caso de Sergipe*. In: Revista de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, USP, Volumes 30/31/32, 1989, pp. 469–480.

FAGUNDES, M. *Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil*. (Tese de doutoramento). Museu de Arqueologia e etnologia da Universidade de São Paulo, MAE/USP, 2v. 2007, 647p.

FOGAÇA, E. “*Um objeto lítico. Além da forma, a estrutura*”. Canindé, n. 7. Xingó, SE: MAX, Chesf, Petrobras, 2006, p. 11-35.

KREUTZ, M. R. *O Contexto Ambiental e as primeiras ocupações humanas no Vale do Taquari*. Lageado: PPGAD Centro Universitário Univates - (Dissertação de Mestrado), 2008.

SCHMITZ, P. I. *Arqueologia nos cerrados do Brasil Central*. In: Serranópolis II, As Pinturas e Gravuras dos Abrigos. Instituto Anchieta de Pesquisas/ UNISINOS, 1997, p. 9.

SILVA, A. G. C. *Pinturas Rupestres do Sítio Arqueológico Abrigo Usina São Jorge, Ponta Grossa, PR*. Monografia de conclusão de curso, UEPG – Ponta Grossa, 1999.

SILVA, J. C. *Arqueologia no médio São Francisco. Indígenas, vaqueiros e missionários*. Recife, 2003.

SUGUIO, K. *Geologia do Quaternário e mudanças ambientais: (passado+presente=futuro)*. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 1999, 365 p.

SITES CONSULTADOS

<http://portal.iphan.gov.br/portal/> acessado em 02/10/ 2012.

<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=203> – acessado em 17/11/2012 às 9:45.

http://www.cprm.gov.br/arquivos/pdf/sergipe/sergipe_geologia.pdf- consultado em 09/12/12 às 13:00.

ANEXOS

TABELA PARA ANÁLISE DE MATERIAL LÍTICO

ESTADO: SERGIPE

MUNICÍPIO: CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE

SÍTIO: DOM HELDER

NÍVEL: 0 – 10 cm

DATA: 09/11/2012

PEÇA	Localização (Quadra)	Categoria morfológica	Matéria prima	Técnica de lasca	Face superior	Retoques	Núcleo	Largura	Comprimento	Espessura	A. Térmica	Quebra	Obs.
DH 1	QUADRA A	Lasca	Sílex	Unipolar	Sem cortéx	-	-	3,4 cm	4,9 cm	2 cm			
DH 2	QUADRA A	Lasca	Quartzo	Unipolar	Córtex	-	-	2 cm	2,7 cm	1 cm			
DH 3	QUADRA A	Lasca	Quartzo	Unipolar	Não	-	-	1,7 cm	2,6 cm	0,8 cm			
DH 4	QUADRA B	Lasca sem percussão	Sílex	Unipolar	Não	-	-	1,5 cm	4,3 cm	2,1 cm	Fogo		Borda cortante
DH 5	QUADRA C	Instrumento	Arenito silicificado	Unipolar	Córtex	-	-	4,9 cm	14,6 cm	2 cm			
DH 6	QUADRA C	Núcleo	Quartzo	Unipolar	Córtex	-	-	4,4 cm	5,7 cm	2 cm			
DH 7	QUADRA C	Frag.lítico	Arenito silicificado	Unipolar	Não	-	-	1,2 cm	2,9 cm	0,3 cm			
DH 8	QUADRA D	RASPADOR	Quartzo	Unipolar	Córtex	-	-	5,3 cm	5,3 cm	3,8 cm			
DH 9	QUADRA D	Frag.lítico	Arenito silicificado	Unipolar	Não	-	-	1,3 cm	2,4 cm	0,3 cm			
DH10	QUADRA B1	Núcleo	Arenito silicificado	-	-	-	-	5,2 cm	5,8 cm	2,6 cm			
DH 11	Quadra B1	Lasca	Quartzo	Unipolar	Córtex	-	-	2,2 cm	3,1 cm	0,8 cm			
DH 12	Quadra B1	Fragmento de ocre	Ocre	-	-	-	-	5,3 cm	7,5 cm	1,7 cm			

OBS: Na Quadra A – presença de 1 fragmento de “gastrópode”

Na Quadra B – presença de 2 fragmentos de “gastrópode”

Peça DH 5 – Instrumento com marcas de polimento com desgastes na parte proximal e distal

TABELA PARA ANÁLISE DE MATERIAL LÍTICO

ESTADO: SERGIPE

MUNICÍPIO: CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE

SÍTIO: DOM HELDER

NÍVEL: 10 a 20 cm

DATA: 09/11/2012

PEÇA	Localização (Quadra)	Categoria morfológica	Matéria prima	Técnica de lasca	Face superior	Retoques	Núcleo	Largura	Comprimento	Espessura	A. Térmica	Quebra	Obs.
DH 13	QUADRA A	Núcleo	Arenito silicifica- do	Unipolar	Não	-	-	4,6 cm	6 cm	2,1 cm			
DH 14	QUADRA B	Lasca	Quartzo	Unipolar	Córtex	-	-	4 cm	4,7 cm	2,5 cm			
DH 15	QUADRA B	Frag.lítico	Sílex	Unipolar	Não	-	-	1,6 cm	3,8 cm	0,3 cm			
DH 16	QUADRA C	Núcleo	Quartzo	Unipolar	Córtex	-	-	5,1 cm	7,1 cm	4,2 cm			
DH 17	QUADRA C	Lasca	Quartzo	Unipolar	Córtex	-	-	3,3 cm	4,5 cm	1,3 cm			
DH 18	QUADRA D	Lasca	Quartzo	Unipolar	Córtex	-	-	2,3 cm	5,2 cm	2,4 cm			
DH 19	QUADRA D	Frag.lítico	Quartzo	Unipolar	Não	-	-	2,1 cm	3,2 cm	1,4 cm			

OBS – Quadra B – 2 fragmentos de “gastrópode”

Quadra D – 1 fragmento de gastrópode”

Peça DH 13 – Quadra A – Núcleo sem córtex . Foi totalmente desgastado.

TABELA PARA ANÁLISE DE MATERIAL LÍTICO

ESTADO: SERGIPE

MUNICÍPIO: CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE

SÍTIO: DOM HELDER

NÍVEL: 20 a 30 cm

DATA: 09/11/2012

PEÇA	Localização (Quadra)	Categoria morfológica	Matéria prima	Técnica de lasca	Face superior	Retoques	Núcleo	Largura	Comprimento	Espessura	A. Térmica	Quebra	Obs.
DH 20	QUADRA A	Frag.lítico	Arenito silicificado	Unipolar	Não	-	-	1,9 cm	3,9cm	1,8cm			
DH 21	QUADRA A	Lasca	Arenito silicificado	Unipolar	Não	-	-	2,1	3,3	1,6 cm			
DH 22	QUADRA A	Lasca	Sílex	Unipolar	Não	-	-	1,6 cm	2,7 cm	0,4 cm			
DH 23	QUADRA B	Frag.Lasca	Quartzo	Unipolar	Não	-	-	2,2cm	3,1 cm	1,2 cm			
DH 24	QUADRA B	Lasca	Arenito	Unipolar	Não	-	-	1,7 cm	3,4cm	1 cm			
DH 25	QUADRA C	Lasca	Quartzo	Unipolar	Não	-	-	2,4 cm	2,7 cm	1,2 cm			
DH 26	QUADRA D	Frag.seixo	Arenito silicificado	Unipolar	Córtex	-	-	4,3 cm	6,4 cm	3 cm			

TABELA PARA ANÁLISE DE MATERIAL LÍTICO

ESTADO: SERGIPE

MUNICÍPIO: CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE

SÍTIO: DOM HELDER

NÍVEL: 30 a 40 cm

DATA: 09/11/2012

PEÇA	Localização (Quadra)	Categoria morfológica	Matéria prima	Técnica de lasca	Face superior	Retoques	Núcleo	Largura	Comprimento	Espessura	A. Térmica	Quebra	Obs.
DH 27	QUADRA B	Lasca	Quartzo	Unipolar	Córtex	-	-	1,7 cm	3,8 cm	1,4 cm			
DH 28	QUADRA B	Lasca	Quartzo	Unipolar	Não	-	-	2,0 cm	4,1 cm	0,9 cm			
DH 29	QUADRA B	Frag.lítico	Sílex	Unipolar	Não	-	-	0,6 cm	1,7 cm	0,3 cm			
DH 30	QUADRA B1	Llasca	Quartzo	Unipolar	Não	-	-	1 cm	2,3 cm	0,4 cm			
DH 31	QUADRA D	Núcleo	Arenito silicificado	Unipolar	Não	-	-	4 cm	4,7 cm	2,4 cm			
DH 32	QUADRA D	Lasca	Quartzo	Unipolar	Não	-	-	2,2 cm	2,5 cm	0,3 cm			
DH 33	QUADRA D	Lasca	Sílex	Unipolar	Não	-	-	2,0 cm	3,5 cm	0,4 cm			
DH 34	QUADRA D	Lasca	Arenito silicificado	Unipolar	Não	-	-	1,4 cm	3,7 cm	0,7 cm			
DH 35	QUADRA D	Lasca	Arenito silicificado	Unipolar	Não	-	-	1,8 cm	2,4 cm	0,5 cm			
DH 36	QUADRA D	Lasca	Arenito silicificado	Unipolar	Não	-	-	1,3 cm	2,0 cm	0,8 cm			
DH 37	QUADRA D	Lasca	Arenito silicificado	Unipolar	Não	-	-	1,5 cm	2,3 cm	0,3 cm			
DH 38	QUADRA D	Lasca	Arenito silicificado	Unipolar	Não	-	-	1,3cm	1,6 cm	0,3 cm			
DH 39	QUADRA D	Lasca	Arenito silicifica-do	Unipolar	Não	-	-	2,5 cm	4,5 cm	1,3 cm			

TABELA PARA ANÁLISE DE MATERIAL LÍTICO

ESTADO: SERGIPE

MUNICÍPIO: CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO - SE

SÍTIO: DOM HELDER

NÍVEL: 40 - 50 cm

DATA: 09/11/2012

PEÇA	Localização (Quadra)	Categoria morfológica	Matéria prima	Técnica de lasca	Face superior	Retoques	Núcleo	Largura	Comprimento	Espessura	A. Térmica	Quebra	Obs.
DH 40	QUADRA A	Lasca	Quartzo	Unipolar	Não	-	-	3,6 cm	4,5 cm	1,6 cm			
DH 41	QUADRA B	Lasca	Arenito silicificado	Unipolar	Não	-	-	3,7 cm	5 cm	1,2 cm			
DH 42	QUADRA B	Lasca	Arenito silicificado	Unipolar	Córtex	-	-	2,2 cm	3,2 cm	1 cm			
DH 43	QUADRA D	Lasca	Quartzo	Unipolar	Córtex	-	-	2,5 cm	2,8 cm	0,9 cm			

OBS - QUADRA B – 40 A a 50 CM – 1 FRAGMENTO “GASTRÓPODE”

QUADRA B1 – 40 a 50 CM – 1 GASTRÓPODE COMPLETO

Nome do sítio: Sítio Dom Helder		CNSA: (campo reservado)	
Outras designações e siglas:			
Município: Canindé do São Francisco		UF: SE	
Localidade:			
Outras designações da localidade:			
Descrição sumária: Sítio sob-rocha de registro rupestre			
Sítios relacionados: Sítios de registros rupestres: Sítio Candido, Sítio Patrocina, Sítio João, Sítio Josefa, Sítio José Augusto			
Nome do proprietário do terreno: José Augusto			
Endereço: Rodovia SE 230, km 183		Cidade: Canindé do São Fco UF: SE	
CEP:	E-mail: www.mundonovaxingo.com.br	Fone/Fax: (79) 9804-0673	
Ocupante atual:			
Acesso ao sítio: Existe uma estrada secundária que dá acesso ao sítio, com matas arbustivas de pequeno e médio porte.			
Medidas do sítio:			
Comprimento: 4 m	Largura: 2 m	Altura máxima: 2 m	Área: m (a partir do nível do solo) m²
Medição: <input type="checkbox"/> Estimada <input type="checkbox"/> Passo <input type="checkbox"/> Mapa <input checked="" type="checkbox"/> Instrumento			
Nome e sigla do documento cartográfico:			
Ano de edição:	Órgão: <input type="checkbox"/> IBGE <input type="checkbox"/> DSG <input type="checkbox"/> Outro	Escala:	

Delimitação da área/Coordenadas UTM:					
Ponto central:		Perímetro :			
Zona:	E:	N:	Zona:	E:	N:
DATUM:		Zona:	E:	N:	
		Zona:	E:	N:	
		Zona:	E:	N:	
<input type="checkbox"/> GPS <input type="checkbox"/> Em mapa		Margem de erro:	m		
Unidade geomorfológica: (vide tabela)			Compartimento topográfico: (vide tabela)		
Altitude: (com relação ao nível do mar)		Água mais próxima:	Distância:	Rio:	Bacia:
300 m		Rio	4000 m	São Francisco	
Outras referências de localização:					
Vegetação atual:					
<input type="checkbox"/> Floresta ombrófila <input type="checkbox"/> Floresta estacional		<input type="checkbox"/> Campinarana <input type="checkbox"/> Savana(cerrado)	<input checked="" type="checkbox"/> Savana-estépica (caatinga) <input type="checkbox"/> Estepe	<input type="checkbox"/> Capoeira <input type="checkbox"/> Outra:	
Uso atual do terreno:					
<input type="checkbox"/> Atividade urbana <input type="checkbox"/> Via pública		<input checked="" type="checkbox"/> Estrutura de fazenda <input type="checkbox"/> Pasto	<input type="checkbox"/> Plantio <input type="checkbox"/> Área não utilizada	<input type="checkbox"/> Outro:	
Propriedade da terra					
<input type="checkbox"/> Área pública		<input type="checkbox"/> Área privada	<input type="checkbox"/> Área militar	<input type="checkbox"/> Área indígena	<input type="checkbox"/> Outra:
Proteção legal:					
<input type="checkbox"/> Unidade de conservação ambiental <input type="checkbox"/> Em área tombada					
<input type="checkbox"/> Municipal <input type="checkbox"/> Estadual <input type="checkbox"/> Federal <input type="checkbox"/> Patrimônio da humanidade					
Categoria:		Exposição:		Contexto de deposição:	
<input type="checkbox"/> Unicomponental <input type="checkbox"/> Multicomponental		<input type="checkbox"/> Céu aberto <input checked="" type="checkbox"/> Abrigo sob rocha <input type="checkbox"/> Outra:		<input type="checkbox"/> Gruta <input type="checkbox"/> Submerso	
<input type="checkbox"/> Pré-colonial <input type="checkbox"/> De contato <input type="checkbox"/> Histórico				<input type="checkbox"/> Em superfície <input type="checkbox"/> Em profundidade	
Tipo do sítio: (vide tabela)			Forma: (vide tabela)		Tipo de solo:
Estatigrafia: (indicar o número, espessura e profundidade das camadas arqueológicas)					
Estruturas:					
<input type="checkbox"/> Áreas de refúgio <input type="checkbox"/> De Lascamento <input type="checkbox"/> De Combustão (fogueira, forno, fogão) <input type="checkbox"/> Funerárias <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas		<input type="checkbox"/> Vestígios de mineração <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras <input type="checkbox"/> Manchas pretas <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas <input type="checkbox"/> Círculos de pedra		<input type="checkbox"/> Estacas, buracos de <input type="checkbox"/> Fossas <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila <input type="checkbox"/> Palafitas <input type="checkbox"/> Paliçadas	
<input type="checkbox"/> Outras:		Quantidade			
Artefatos:					
<input checked="" type="checkbox"/> Lítico lascado		<input checked="" type="checkbox"/> Lítico polido	<input type="checkbox"/> Cerâmico	<input type="checkbox"/> Sobre concha	<input type="checkbox"/> Sobre material orgânico
Outros vestígios líticos:					
Material histórico:					
Outros vestígios orgânicos:			Outros vestígios inorgânicos:		
Canais					

Acervo: Instituições: (em que se encontra o material coletado) URS-Laboratório de Arqueologia		Números de catálogo:
Arte rupestre: <input checked="" type="checkbox"/> Pintura <input type="checkbox"/> Gravura <input type="checkbox"/> Ausente		
Artefatos líticos – Filiação cultural: Tradições: -		Fases:
Complementos: -		Outras atribuições:
Artefatos cerâmicos – Filiação cultural: Tradições:		Fases:
Complementos:		Outras atribuições:
Arte rupestre – Filiação cultural: Tradições:		Estilos:
Complementos:		Outras atribuições:
Datações absolutas:		
Datações relativas:		
Grau de integridade: <input type="checkbox"/> mais de 75% <input type="checkbox"/> entre 25 e 75% <input type="checkbox"/> menos de 25%		
Fatores de destruição: <input type="checkbox"/> Erosão eólica <input type="checkbox"/> Erosão pluvial <input type="checkbox"/> Construção de estradas <input type="checkbox"/> Vandalismo <input type="checkbox"/> Erosão fluvial <input type="checkbox"/> Atividades agrícolas <input type="checkbox"/> Construção de moradias		
Outros fatores naturais:		
Outros fatores antrópicos:		
Possibilidade de destruição:		
Medidas para preservação:		

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

Relevância do sítio: <input checked="" type="checkbox"/> Alta <input type="checkbox"/> Média <input type="checkbox"/> Baixa																					
Atividades desenvolvidas no local: <input type="checkbox"/> Registro <input type="checkbox"/> Sondagem ou Corte Estratigráfico <input type="checkbox"/> Coleta de superfície <input type="checkbox"/> Escavação de grande superfície <input type="checkbox"/> Levantamento de gráficos rupestres																					
Responsável pelo registro: Nome: <u>Vani Piaia Bhiggi</u>																					
Endereço: <u>Av. Hermes Fontes, 2022</u>		Cidade: <u>Anacapu</u>	UF: <u>SE</u>																		
CEP: <u>49.045-760</u>	E-mail: <u>vanipiaia@hotmail.com</u>	Fone/Fax: <u>(79) 3214-1022</u>																			
Nome do projeto:																					
Nome da instituição:																					
Endereço:		Cidade:	UF:																		
CEP:	E-mail:	Fone/Fax:																			
Documentação produzida: (quantidade) <table border="0"> <tr> <td>Mapa com sítio plotado: <input type="checkbox"/></td> <td>Croqui: <input checked="" type="checkbox"/></td> <td>Planta baixa do sítio: <input checked="" type="checkbox"/></td> </tr> <tr> <td>Planta baixa dos locais afetados: <input checked="" type="checkbox"/></td> <td>Planta baixa de estruturas: <input type="checkbox"/></td> <td>Perfil estratigráfico: <input type="checkbox"/></td> </tr> <tr> <td>Perfil topográfico: <input type="checkbox"/></td> <td>Foto aérea: <input type="checkbox"/></td> <td>Foto colorida: <input checked="" type="checkbox"/></td> </tr> <tr> <td>Foto preto e branco: <input type="checkbox"/></td> <td>Reprografia de imagem: <input type="checkbox"/></td> <td>Imagem de satélite: <input checked="" type="checkbox"/></td> </tr> <tr> <td>Cópia total de arte rupestre: <input type="checkbox"/></td> <td>Cópia parcial de arte rupestre: <input type="checkbox"/></td> <td>Ilustração do material: <input checked="" type="checkbox"/></td> </tr> <tr> <td>Cademeta de campo: <input type="checkbox"/></td> <td>Video/filme: <input type="checkbox"/></td> <td>Outra: <input type="checkbox"/></td> </tr> </table>				Mapa com sítio plotado: <input type="checkbox"/>	Croqui: <input checked="" type="checkbox"/>	Planta baixa do sítio: <input checked="" type="checkbox"/>	Planta baixa dos locais afetados: <input checked="" type="checkbox"/>	Planta baixa de estruturas: <input type="checkbox"/>	Perfil estratigráfico: <input type="checkbox"/>	Perfil topográfico: <input type="checkbox"/>	Foto aérea: <input type="checkbox"/>	Foto colorida: <input checked="" type="checkbox"/>	Foto preto e branco: <input type="checkbox"/>	Reprografia de imagem: <input type="checkbox"/>	Imagem de satélite: <input checked="" type="checkbox"/>	Cópia total de arte rupestre: <input type="checkbox"/>	Cópia parcial de arte rupestre: <input type="checkbox"/>	Ilustração do material: <input checked="" type="checkbox"/>	Cademeta de campo: <input type="checkbox"/>	Video/filme: <input type="checkbox"/>	Outra: <input type="checkbox"/>
Mapa com sítio plotado: <input type="checkbox"/>	Croqui: <input checked="" type="checkbox"/>	Planta baixa do sítio: <input checked="" type="checkbox"/>																			
Planta baixa dos locais afetados: <input checked="" type="checkbox"/>	Planta baixa de estruturas: <input type="checkbox"/>	Perfil estratigráfico: <input type="checkbox"/>																			
Perfil topográfico: <input type="checkbox"/>	Foto aérea: <input type="checkbox"/>	Foto colorida: <input checked="" type="checkbox"/>																			
Foto preto e branco: <input type="checkbox"/>	Reprografia de imagem: <input type="checkbox"/>	Imagem de satélite: <input checked="" type="checkbox"/>																			
Cópia total de arte rupestre: <input type="checkbox"/>	Cópia parcial de arte rupestre: <input type="checkbox"/>	Ilustração do material: <input checked="" type="checkbox"/>																			
Cademeta de campo: <input type="checkbox"/>	Video/filme: <input type="checkbox"/>	Outra: <input type="checkbox"/>																			
Quantidade de imagens anexadas à Ficha de Registro para inclusão no Banco de Imagens:			<input type="text"/>																		
Bibliografia:																					
Observações:																					